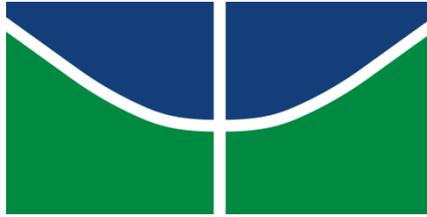


**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**



**GABRIEL DE ARAÚJO PALMÉS**

**HORTAS URBANAS DO DISTRITO FEDERAL NA DINÂMICA DE OCUPAÇÃO  
DOS ESPAÇOS PÚBLICOS, CONSCIÊNCIA E BEM ESTAR SOCIAL.**

**BRASÍLIA**

**2019**

**GABRIEL DE ARAÚJO PALMÉS**

**HORTAS URBANAS DO DISTRITO FEDERAL NA DINÂMICA DE OCUPAÇÃO  
DOS ESPAÇOS PÚBLICOS, CONSCIÊNCIA E BEM ESTAR SOCIAL.**

**Monografia apresentada ao Curso de Ciência  
Política da Universidade de Brasília, como  
requisito parcial para a obtenção do título de  
Bacharel em Ciência Política.**

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. SUELY ARAÚJO**

**BRASÍLIA**

**2019**

**Dedico em primeiro lugar aos meus pais, Carolin e Ramon, pelo alicerce que me deram durante todo esse tempo e por me ensinarem que o caminho se faz junto.**

**Á minha irmã Sofia, que sempre me lembrou o que é ser humano.**

**Ao meu tio Itamar, que acreditou na minha empreitada, fez manter o rumo e esteve por mim nos momentos mais difíceis.**

**Aos meus avós, que ainda cuidam da família e contribuem para a compreensão de cada dia.**

**A vocês, todos os créditos.**

**Dedico.**

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus amigos de coração, por criarmos um ambiente no qual compartilhar uma visão crítica, mas divertida das coisas.

À minha equipe de trabalho, pelos apoios e lutas diários.

Ao Professor Dr. João Luis Homem, que ampliou meus horizontes dentro da Universidade e do que é, ou pode ser o mundo.

À Professora Dr<sup>a</sup>. Enaile Ladanza e ao professor Dr. Manoel Pereira, por darem a oportunidade de conhecer mais da realidade e da terra Brasil.

À Professora Dr<sup>a</sup>. Suely Araújo, pela paciência, dedicação e por oferecer o espaço onde a síntese de tudo fosse possível.

*"Na alquimia colonial e neocolonial o ouro se transfigura em sucata, os alimentos em veneno."*

**Eduardo Galeano.**

## RESUMO

**Objetivo:** Captar a percepção dos atores envolvidos com o manejo em hortas urbanas a respeito do potencial de bem estar social e individual que as práticas e os projetos nessa temática são perceptíveis e contextualizar em discussões democráticas e ambientalistas.

**Material e Método:** Aplicação de entrevistas qualitativas aos atores envolvidos na dinâmica de hortas urbanas do Distrito Federal. Foram ouvidos dez atores envolvidos nas cinco diferentes hortas parte do recorte escolhido, envolvendo o Plano Piloto e Cidades Satélites. A partir da pesquisa de campo, realizou-se o diálogo entre os resultados obtidos, discursos democráticos e discursos ambientalistas.

**Resultados:** Identificou-se na fala dos atores potenciais diversos de bem-estar social e individual, incluindo funções educativas, terapêuticas e culturais. **Conclusão:** A agricultura urbana tem por virtude conectar o homem à terra e às questões envolvidas no seu habitar, proporcionando uma relação mais harmônica com esses aspectos.

**Palavras Chave:** Discussões Democráticas; Discursos Ambientalistas; Agricultura Urbana; Hortas Urbanas; Bem-estar Social; Estrutura Econômica; Estrutura Social.

## ABSTRACT

**Objective:** Capture the perception of involved actors in the dynamics of urban agriculture about its potential of social and individual well being proportionate by this practice and projects in this thematic and contextualize in democratic and environmental discussions.

**Material and Method:** Application of qualitative interviews to the actors involved in the urban agriculture in Distrito Federal. It was listened to ten involved actors in the five different gardens part of the chosen profile, involving the Plano Piloto and Cidade Satélites. Starting the field research, it took place a dialog between the obtained result, democratic and environmental discourses. **Results:** It was identified in the actors speech several potentials of individual and social well being, including educative, therapeutic and cultural functions. **Conclusion:** Urban agriculture has as virtue connect the human being to the ground and the issues involved in its inhabit, proportioning a more harmonic relationship with these aspects.

**Key Words:** Democratic Discussions; Environmental Discourses; Urban Agriculture; Urban Gardens; Social Well Being; Economic Structure; Social Structure.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Horta Comunitária Girassol	26
Figura 2 –	Horta Comunitária do Guará	27
Figura 3 –	Horta da SQN 416	28
Figura 4 –	Horta da SQN 216	28
Figura 5 –	Projeto Re-Ação	29
Figura 6 –	Horta do Posto de Saúde do Lago Norte	31

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Classificação de Discursos Ambientais	19
Tabela 2 –	Formas de Participação	36
Tabela 3 –	Principais Motivações	37
Tabela 4 –	Principais Desafios	39
Tabela 5 –	Visão dos Atores da Inserção da Agricultura no Meio Urbano	40
Tabela 6 –	Percepção dos Atores Envolvidos sobre os Potenciais Futuros em Projetos de Hortas Urbanas	43
Tabela 7 –	A Relação entre Hortas Urbanas e Proteção Ambiental	45

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
1.1 Objetivo	11
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b>	<b>12</b>
2.1 Democracia em Discussão	12
2.2 Crises Democráticas	15
2.3 Discursos Ambientalistas	18
<b>3 MATERIAL E MÉTODO</b>	<b>26</b>
<b>4 RESULTADOS</b>	<b>33</b>
4.1 História das Hortas	33
4.1.1 Horta Comunitária Girassol	33
4.1.2 Horta Comunitária do Guará	33
4.1.3 Horta SQN 416	34
4.1.4 Horta SQN 216	34
4.1.5 Projeto Re-Ação	35
4.1.6 Agrofloresta Medicinal da Unidade Básica de Saúde do Lago Norte	35
4.2 As Formas de Participação dos Atores	35
4.3 As Principais Motivações dos Atores	37
4.4 Principais Desafios a serem Enfrentados pelos Atores	38
4.5 Visão dos Atores a Respeito da Inserção da Agricultura no Meio Urbano	40
4.6 Percepção dos Atores Envolvidos sobre os Potenciais Futuros em Projetos de Hortas Urbanas	42
4.7 A Relação entre Hortas Urbanas e Proteção Ambiental	45
<b>5 DO EMPIRISMO À TEORIA</b>	<b>47</b>
5.1 Ambiente Urbano, Consumo e Relações Sociais	47
5.2 Educação Ambiental e Consciência	49
5.3 Construção e Efeito Brasília	50
5.4 Subjetividade	52
<b>6 CONCLUSÕES</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>55</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Buscando responder: “Qual a percepção dos atores envolvidos com o potencial das hortas urbanas no manejo do bem-estar social e individual?”, esta pesquisa se baseia em uma visão socio-histórica a partir de um referencial ambiental da humanidade e do espaço por ela ocupado na dinâmica do habitar. Nesse panorama, serão analisados o espaço habitado pelo ser humano, as devidas dinâmicas envolvidas e os fatores condicionantes da forma pela qual essa dinâmica acontece, levando em conta, o atual momento e o espaço físico a ser analisado.

A urbanização tem um dos papéis centrais na pesquisa. A convivência no meio urbano acaba por definir, ou ao menos induzir, fronteiras sociais e fluxos energéticos alimentares e de consumo. Assim sendo, os adventos tecnológicos combinados com os aspectos propagandísticos têm um enorme papel na atualidade – podendo ser uma ferramenta em potencial muito grande – de forma a reverter ou intensificar muitos hábitos cotidianos e nocivos ao ser humano e ao meio ambiente, muitas vezes adquiridos por meio dessa mesma combinação.

Nessa linha de pensamento, os valores de crescimento pelo crescimento – frequentemente enraizados disfarçados e/ou inconscientes na colonização do imaginário econômico – quando se encontram frente à escassez de recursos naturais, ou ainda, frente à renovação cíclica natural dos recursos, sobrepõem-se a esses fatores quando em conflito. É consenso que viver, necessariamente, causa mudanças no ambiente. Entretanto, a presente pesquisa busca o valor e o potencial de alternativas de dinâmica social que contribuam para que essas mudanças aconteçam de maneira a causar menor impacto, ou então, por que não dizer, a reparar os danos ambientais.

Outro papel importante é o lar, pois a dinâmica do lar é outro fator determinante nos referidos fluxos, além dos valores que permeiam as instituições familiares. Com isso em mente, cabe analisar os aspectos educacionais e sociais indutores desses processos, analisando criticamente, e, possivelmente, introduzindo conceitos em desenvolvimento ou já desenvolvidos, não necessariamente utilizados com o seu devido potencial.

Nesse sentido, serão abordados os contextos nos quais as variações dos aspectos são acima citados, levando em consideração os cenários de crise em diferentes âmbitos, e será proposto que as hortas urbanas sejam o elemento adicional à já referida dinâmica do habitar, remetendo a um sentido de ocupar espaços não apenas os ambientes privados, mas o espaço público comum.

## 1.1 Objetivo

Identificar e analisar as percepções dos atores no Distrito Federal.

Este trabalho objetiva avaliar:

- Os aspectos condicionantes da relação do ser humano com a natureza no ambiente urbano.
- A lógica e o tipo de pensamento que impulsionam os indivíduos que atuam na criação e no manejo das hortas urbanas.
- As atuais crises, no intuito de buscar uma elucidação a respeito dos caminhos a serem seguidos para a harmonia e o bem-estar comum.
- O potencial de agricultura das hortas urbanas nos caminhos acima citados.
- As óticas de economia ecológica e economia ambiental – economia circular.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 Democracia em Discussão

O que caracteriza esta pesquisa, são os aspectos que estão integrados ao objeto de estudo da ciência política: fenômenos políticos, manutenções de poder, fluxos e empirismos presentes nas práticas das hortas urbanas, inseridas em seus devidos contextos político-sociais. Por isso, dar-se-á início a uma discussão sobre a democracia.

Segundo Aristóteles, os governos – se exercidos de forma “correta” – são para o bem comum. Por bem comum, entende-se o que é bom para uma comunidade, não necessariamente o que é de interesse a ser compartilhado pela comunidade, mas o que leva a um bem-estar comum, em que os potenciais de seus integrantes possam ser realizados, e que estes tenham vida virtuosa (CUNNINGHAM, p. 15).

Num contexto democrático, cuja definição mais básica, simples e etimológica seria “governo do povo”, há nuances e aspectos diversos envolvendo o universo dessa forma de governo que estão em constante discussão.

Schumpeter busca abordar esses aspectos de maneira mais concreta, como as questões teóricas se aplicam e apresentam a sua dinâmica na prática. Assertivamente, pontua que a arte de governar é feita por burocratas, representantes eleitos e partidos políticos. Nessa lógica, o “governo do povo” seria praticado somente no momento da escolha do governante. Sob esse ponto de vista, a noção de bem público é inexistente, pois os indivíduos escolhem um governante visando aos interesses privados, e os próprios governantes ocupam os cargos visando também aos interesses particulares (CUNNINGHAM, p. 18-19).

Na democracia americana de 1830, Toqueville encontrava a forma mais “pura” de democracia ao constatar a relação do povo com o mundo político. O contexto de reinança do povo sobre as questões políticas era viável pela igualdade de condição, tanto em relação ao acesso ao mundo político quanto em “vantagens econômicas e, culturalmente, em atitudes antiaristocráticas”.

A redução da democracia a tal abordagem pode ser danosa caso não haja a possibilidade de se analisar um determinado contexto democrático através de um espectro no qual seja possível flexibilizar os pontos caracterizantes da democracia. E, dessa forma,

categorizar em que medida contextos supostamente democráticos preenchem as condições que acabariam por classificar o “grau de democracia” de determinado governo.

Por exemplo, num reduto democrático em que uma determinada questão é colocada em votação, seja um referendo ou uma eleição parlamentar, e algum tipo de poder de veto ou impedimento, mesmo que constitucional, é aplicado de forma a cercear a vontade da maioria, cabe analisar os porquês, quais os mecanismos, os interesses e as influências que sobrepõem-se ao interesse direto dos cidadãos a respeito de determinado assunto. Se não há respeito ao resultado da votação, por exemplo, com a manipulação de condições da votação ou a resultância de presos políticos, é extremamente válido questionar o grau de democracia do regime em questão.

Analisando as situações concretas, é possível exemplificar as eleições brasileiras de 2018 levando em conta a prisão polêmica e política do ex-presidente Lula e também, por que não dizer, o impedimento da ex-presidente Dilma sob alegação de pedaladas fiscais. Além do referendo realizado no dia 1º de outubro de 2017, na região da Catalunha, onde seus cidadãos votavam pela independência e, apesar de adquirir maioria, o referendo foi vetado com base no artigo 155 da Constituição espanhola, que concede ao governo central espanhol o poder de intervir em qualquer autonomia que provoque o seu autogoverno por fora da Constituição espanhola.

Tais situações são exemplo de um “dicroísmo constitucional”, pois a Constituição prevê que certos direitos e decisões com base na mesma Constituição podem invalidar as decisões decorrentes destes, de maneira conveniente aos interesses das elites políticas dominantes, desrespeitando os direitos dos cidadãos.

Quando se trata da relação de uma democracia no sistema capitalista,

“Uma sociedade capitalista toscamente definida em termos econômicos é uma em que predomina a economia de mercado competitiva, em que os indivíduos ou corporações de proprietários privados dos maiores meios de produção, distribuição e assim por diante são presumivelmente (ainda que, é claro, não completamente) livres de interferência estatal de dispor como quiserem de suas posses ou de ganhos derivados destas.” (CUNNINGHAM, p. 60)

Por mais difícil que seja a definição de uma sociedade em termos exatos, pois é passível de interpretações, a análise de fatos permite uma aproximação de um empirismo a termos teoricamente definidos (assim se posicionam os pluralistas clássicos e os realistas shumpeterianos em relação à democracia e ao seu estudo [Cunningham, p. 91]). O trecho acima é um indicativo da força do poder econômico em sociedades capitalistas, cujos outros

poderes não têm força o suficiente, ou não estão dispostos, de maneira a equalizar os fluxos energéticos, podendo provocar uma desproporção no peso das influências políticas advindas de diferentes classes sociais.

Ainda segundo Cunningham, é duvidoso que o capitalismo desorganizado tenha capacidade de evitar que a competição por recursos escassos subverta a democracia. Além disso,

“Um capitalismo puro, dependente da mão invisível de um mercado completamente livre para criar prosperidade geral, não pode evitar conflitos destrutivos se ele criar grandes desigualdades e um *éthos* de ganância egoísta antes que esses objetivos sejam alcançados. Competições requerem restrições, das quais somente duas variantes estão disponíveis – a moral e a política.” (CUNNINGHAM, p. 80)

A seguir pela tradição pluralista, os interesses de grupo são as unidades básicas de análise, cujos processos de identificação e definição são dependentes “de teorias contestáveis e contestadas”. Nessa ótica, um interesse em comum é composto de indivíduos que se organizam em busca de interesses partilhados. Na busca por uma padronização de caracterização desses grupos, autores dessa corrente de pensamento procuram não definir os grupos pensando em indivíduos, mas, sim, em um “modelo padronizado de interação” (CUNNINGHAM, p. 92).

A corrente pluralista, entretanto, tem a capacidade de conciliar conflitos das diversas mudanças sociais frente aos grupos de interesses conflitantes. Contudo, não possui as ferramentas para resolver conflitos advindos de “diferenças religiosas e nacionais que dividem populações inteiras”. Sobretudo, segundo Dahl, a democracia pluralista é factível caso “seus líderes tenham sido bem-sucedidos em criar uma organização associativa para tratar de conflitos subculturais” (CUNNINGHAM, p. 101).

Ainda em relação à democracia pluralista, Christian Bay a critica ao dizer que as escolas pluralistas clássicas:

“(...) perderam a visão do que é essencial à política, a saber, a articulação e a defesa de ‘alguma concepção do bem-estar humano e do bem público’. Em vez disso, preocuparam-se com estudos empíricos ‘pseudopolíticos’ de uso somente para ‘promover vantagens privadas ou de interesses de grupos privados’.” (1965, p. 40, apud CUNNINGHAM, 2009, p.106)

Outra discussão e contextualização de suma importância para a presente pesquisa é sobre a democracia em meio à globalização. Para Claude Ake (1997, p. 285), conforme citado por Cunningham (2009, p. 235): “A problemática (...) é como a democracia pode ser salva da

globalização”. Em sua opinião, a globalização está “tornando a democracia irrelevante, e, nisso, ela põe uma ameaça mais séria ainda na história da democracia”. Isso, entre outras coisas, porque:

“A globalização, em um sentido cultural (...), refere-se à homogeneização das culturas do mundo de tal forma que hábitos locais, hábitos do dia a dia autóctones e formas de recreação são suplantados pelo gosto de filmes de Hollywood e pela televisão dos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que valores populares ao redor do mundo estão se conformando ao típico consumismo dos países mais ricos e industrializados.” (CUNNINGHAM, p. 235)

Outro crítico dessa mesma linha, Benjamin Barber (1995), dá o nome ao fenômeno de “McWorld” e:

“Vê isso como igualmente imposto devido à dominação dos mercados de entretenimento do mundo, principalmente por filmes baseados nos Estados Unidos, televisão e mídia impressa, e ao domínio de corporações internacionais, como a Organização Mundial do Comércio (OMC), que proíbe o suporte estatal ou a proteção da cultura nacional, sob o fundamento de que inibe o livre-comércio.” (CUNNINGHAM, p. 235)

Por outro lado,

“Ake tem em mente a globalização econômica, em que matérias de política estatal formalmente aperfeiçoáveis para a tomada de decisão democrática pelos cidadãos são ou severamente restringidas pela conciliação econômica global contemporânea ou ordenadas por agências econômicas extraestatais. Um exemplo de coação que ele tem em mente são as ameaças de fuga de capitais para evitar políticas contrárias aos interesses no crescimento inconstante das empresas de manufaturas. Um exemplo de ordenação externa é o poder das agências como o Banco Mundial para aumentar ou impedir a ajuda econômica ou para baixar ou aumentar uma avaliação de crédito de um país, dependendo se este segue as políticas internas ditadas, por exemplo, com respeito à tributação ou aos serviços sociais.” (CUNNINGHAM, p. 235)

## 2.2 Crises Democráticas

Discorridas as discussões democráticas apresentadas, cabe agora explorar os aspectos que caracterizam as crises democráticas, apresentando acontecimentos empíricos (com foco no Brasil da última década, mas sem deixar de citar outros casos para além desse tempo, em que fenômenos semelhantes ocorreram ao redor do globo) e pressupostos teóricos. Ao final, espera-se que, paralelamente ao que pode-se observar empiricamente nos dias atuais, seja possível encontrar o respaldo teórico-filosófico que elucide o direcionamento de transformações necessárias na dinâmica do aparato político, institucional, burocrático e governamental, desde a ótica por este trabalho utilizada.

A literatura atual a respeito de crises democráticas é bem alimentada, entre outros autores, por Levitsky & Ziblatt em *Como as democracias morrem*. A rivalidade tornando-se inimizade, a ocorrência de intimidação da imprensa livre e a ameaça de rejeitar o resultado das eleições, investidas no enfraquecimento de proteções institucionais (Levitsky & Ziblatt p. 14). Parece até uma referência, ou relato do contexto brasileiro, mas os autores estão referindo-se ao contexto político dos Estados Unidos em pleno ano de 2018. Entre muitas outras questões, o que faz pensar esse panorama ser um cenário global está também expresso na colocação de Jairo Nicolau, no prefácio da mesma obra, contudo referindo-se ao Brasil: “Estamos atravessando, desde 2013, um momento turbulento que nos faz ter a sensação de que algo está fora da ordem em nossa democracia.” (Levitsky & Ziblatt, p. 11)

“(…) assim tendemos a pensar na morte de democracias: nas mãos de homens armados”, dessa maneira morreram as democracias brasileira, argentina, grega, guatemalteca, nigeriana, paquistanesa, peruana e uruguaia durante a período da Guerra Fria (Levitzky & Ziblatt, p. 14-15). Após esse período, a maioria das subversões democráticas foi causada por governantes eleitos que se esforçaram para subvertê-las por meios ‘legais’, sejam estes aprovados pelo Poder Legislativo ou sejam aceitos por órgãos outrora competentes.” (Levitzky & Ziblatt, p. 17)

“É assim que os autocratas eleitos subvertem a democracia – aparelhando tribunais e outras agências neutras e usando-os como armas, comprando a mídia e o setor privado (ou intimidando-os para que se calem) e reescrevendo as regras da política para mudar o comando de campo e virar o jogo contra os oponentes. O paradoxo trágico da via eleitoral para o autoritarismo é que os assassinos da democracia usam as próprias instituições da democracia – gradual, sutil e mesmo lealmente – para matá-la.” (Levitzky & Ziblatt, p. 17)

Segundo o sociólogo Manuel Castells, essa “autodestruição da legitimidade institucional pelo processo político” em sociedades democráticas é resultado da luta pelo poder nos dias atuais, que envolve política midiática, política do escândalo e autonomia comunicativa dos cidadãos. Nessa linha de pensamento, o comportamento e as decisões das sociedades são consequência de uma realidade criada a partir dos sinais captados do universo. Paralelamente a isso, a digitalização da informação e a comunicação por essas vias criam um outro universo no qual a sociedade também se encontra imersa (CASTELLS, p. 26).

“A fragmentação da mensagem e a ambiguidade da comunicação remetem a emoções únicas e pessoais constantemente realimentadas por estratégias de destruição da esperança. Para que tudo continue igual, ainda que o principal efeito dessa cacofonia político-informativa seja o questionamento de tudo aquilo que não podemos verificar pessoalmente. O vínculo entre o pessoal e o institucional rompe-se. O círculo fecha-se sobre si mesmo. Enquanto isso, procuramos às cegas uma

saída que nos devolva aquela democracia mítica que pode ter existido em um lugar, em algum tempo.” (CASTELLS, p. 28)

Ainda na linha de Castells, é possível entender o fenômeno com maior amplitude com a consideração de outro aspecto: o medo. A política do medo está ligada à necessidade de proteção, que, numa dimensão global, está intimamente ligada ao terrorismo. Isso justificaria um controle tanto eletrônico quanto do espaço físico, que acaba por justificar em si mesmo a atuação estatal nesses âmbitos (CASTELLS, p. 29).

No caso do Brasil, onde não há histórico de terrorismo, mas há histórico de ruptura democrática, é possível identificar alguns padrões em diferentes momentos históricos em que ocorrem rupturas, com as suas devidas características e possibilidades temporais. No *Concise Dictionary of Politics*, a definição de golpe de Estado carrega um caráter militar, entretanto, abre brechas para outras maneiras que podem ser interseccionais em relação a esse aspecto:

“Na maioria dos casos, um golpe envolve o deslocamento de um conjunto de governantes e a substituição por outros que podem ou não ser militares. O golpe pode ser prelúdio para alguma forma de governo militar, com maior ou menor grau de colaboração civil, talvez necessitando da colaboração da burocracia civil e de membros das classes médias profissionais, ou envolvendo a cooptação de políticos e partidos simpáticos e de grupos ocupacionais (...).”

“Mais frequentemente, um golpe é visto como uma antecipação efetiva para esvaziar mudanças revolucionárias vindas de baixo, pela imposição de algumas medidas de reforma vindas de cima.” (MCLEAN, 1996, p. 117-118)

Não é necessário ir muito longe para fazer paralelos com o fenômeno político vivido pela sociedade brasileira no ano de 2016. Com referências explícitas, feitas em sessões plenárias, a personagens comprovadamente torturadores no período de autoritarismo, vivido entre 1964 e 1988, o processo decisório teatral era um desdobramento ao que hoje está mais explícito como sendo uma etapa de subversão negativa da democracia, também inserida na referida frase acima de Jairo Nicolau.

É impossível não deixar de citar também o caso norte-americano nesse mesmo contexto de crise de legitimidade institucional e democrática nos tempos atuais, que inclusive apresenta muitos paralelos com o caso brasileiro e é considerada por muitos o maior e mais estável exemplo da democracia ocidental. Uma ascensão carregada de preconceitos, ignorância, sexismo, racismo e homofobia. Donald Trump utilizou estratégias que explicitam o “paradoxo trágico da via eleitoral para o autoritarismo” (Levitzky & Ziblatt, p. 19). Durante o seu primeiro ano de mandato, o presidente americano Donald Trump lançou “(...) ataques retóricos contundentes. Chamou a mídia de ‘inimiga do povo americano’, questionou a

legitimidade de juízes e ameaçou cortar o financiamento federal de cidades de grande importância” (Levitzky & Ziblatt, p. 169).

### **2.3 Discursos Ambientalistas**

“Um discurso é uma forma compartilhada de olhar para o mundo” (2005, prefácio). Com isso em mente, será trabalhada uma série de discursos ambientalistas retratados por John Dryzek, a partir dos quais, ao final, espera-se elucidar e/ou interseccionar o diálogo entre ideias e formas de ver o mundo dos atores entrevistados, envolvidos no objeto de estudo, e a contextualização com teorias democráticas nos cenários atuais, além de possíveis propostas alternativas.

As preocupações dos discursos ambientalistas vão desde poluição, preservação das florestas, crescimento populacional e esgotamento dos recursos naturais, num primeiro momento, até fornecimento de energia, direitos animais, extinção de espécies, mudanças climáticas globais, esgotamento da camada de ozônio, lixo tóxico, organismos geneticamente modificados, justiça ambiental e segurança alimentar, com o passar do tempo. Segundo Dryzek, tais questões estão relacionadas a um espectro “moral e estético de modo de vida, de atitudes públicas e da nossa relação apropriada com outras entidades no planeta” (2005, Dryzek, p. 3).

Em busca de classificar os principais discursos ambientais, cabe ressaltar que estes têm início na sociedade industrial, cujo comprometimento envolve “o crescimento em quantidade de bens e serviços produzidos e o bem-estar material que este crescimento traz”. O autor destaca ainda uma série de discursos comprometidos com o industrialismo, tais como liberalismo, conservadorismo, socialismo, marxismo e fascismo. Além disso, tais ideologias ignoraram ou suprimiram as preocupações com a questão ambientalista. Tendo em vista tais preocupações, Dryzek classifica os discursos ambientais, em sua generalidade, da seguinte forma:

**Tabela 1 – Classificação de Discursos Ambientais**

	<b>Reformista</b>	<b>Radical</b>
<b>Prosaico</b>	Solução de problemas	Sobrevivência
<b>Imaginativo</b>	Sustentabilidade	Radicalismo verde

**Fonte: (2005, DRYZEK, p. 13)**

Em síntese, o discurso de sobrevivência baseia-se em que as demandas humanas tendem a ficar fora de controle e que as “ações draconianas” são necessárias no intuito de aplacar tais demandas. Tal pressuposto baseia-se na forma de viver dependente de recursos não renováveis, como petróleo, gás, carvão, minérios etc. Além disso, o discurso leva em conta que a “população humana (...) cujo tamanho e crescimento têm diversas implicações para seu próprio destino” é por isso considerada uma “entidade agregada”. Ainda em relação ao discurso de sobrevivência, a respeito das relações humanas, declara que elas acontecem por conflito e hierarquia. Nesse panorama, as elites têm um papel importante, pois têm poder de agenda e o fazem normalmente com o objetivo de aumentar o crescimento nas sociedades capitalistas. Entretanto, também podem “supervisionar a transição para um estado estacionário através de ação global coordenada” (2005, DRYZEK, p. 38-39).

Em resposta ao discurso sobrevivencialista, surge o discurso promethiano, inspirado na mitologia grega, cuja história é:

“(...) Prometheus roubou fogo de Zeus, e aumentou vastamente a capacidade humana de manipular o mundo. Promethianos têm a confiança ilimitada na habilidade dos humanos e suas tecnologias em superar qualquer problema – inclusive problemas ambientais.” (2005, Dryzek, p. 52)

Na linha de pensamento promethiano, todos têm a capacidade de agir, sobretudo como atores econômicos, pois, na busca por seus próprios interesses, os indivíduos em conjunto garantiriam um bom futuro ambiental, o que seria assegurado pela “mão invisível” atuando no mercado. Segundo o autor, este aponta que o discurso chega perto de negar a existência da natureza, considerando ainda que “a mais importante relação tomada como garantia é a relação hierárquica em que a humanidade (e particularmente a mente humana) domina tudo” (2005, DRYZEK, p. 58-59).

O discurso promethiano combina e caminha em paralelo com o capitalismo e a Revolução Industrial, com a crença na capacidade humana de manipular o mundo de maneira cada vez mais eficaz. Contudo, cabe ponderar que as economias capitalistas creem no

crescimento econômico infinito, e que o aparato político tende a favorecer esse crescimento (2005, DRYZEK, p. 61).

Em adjunto, tem-se a concepção herdada de que o crescimento é algo bom, pois costuma remeter ao crescimento dos níveis de emprego, níveis de saúde, renda e lucros. Entretanto, nunca está normalmente associado ao aumento nos níveis de poluição, congestionamento e esgotamento mais rápido de recursos. “O crescimento normalmente significa aumento de estresse em sistemas ambientais” (2005, DRYZEK, p. 52).

A seguir por linhas que dizem respeito um pouco mais às questões práticas, no que concerne à solução de problemas, cabe introduzir alguns discursos. O primeiro deles é o racionalismo administrativo, que pode ser definido como um discurso que realça o papel do especialista frente ao papel do cidadão no que diz respeito à solução de problemas sociais. Além disso, baseia-se numa relação de hierarquia, tendo o seu sentido encontrado mais amplamente em ambientes institucionais e burocráticos (2005, DRYZEK, p. 75-76). Nessa ótica, o racionalismo administrativo encaixa-se numa lógica econômica do capitalismo liberal. Ademais, como discurso, busca “organizar especialistas técnicos e científicos burocraticamente em forma de hierarquia, motivado pelo interesse público e utilizado para resolver problemas ambientais sem mudar a estrutura do *status quo*” (2005, DRYZEK, p. 89).

Um segundo discurso a ser apresentado na temática de solução de problemas é o pragmatismo democrático. Nessa abordagem, Dryzek considera democracia como uma forma de “abordar problemas”. Também desenvolvido no contexto do capitalismo liberal, em que, segundo o autor, é a versão de democracia que “domina os dias de hoje, especialmente depois que as Revoluções de 1989 destruíram a credibilidade de alternativas marxistas” (2005, DRYZEK, p. 99). Ademais, o presente discurso aparece com o objetivo de solucionar problemas que o racionalismo não consegue dar conta, ou de agir em questões que precisam ser reformuladas. Mais especificamente, busca tornar aspectos administrativos mais democráticos (2005, DRYZEK, p. 100).

Em contraste ao discurso racionalista, o discurso em questão reconhece a diversidade de processos de decisão e, neste caso, diferenciando governo de governança. Entretanto, não aborda muito as questões a respeito de ecossistemas e do mundo natural e, assim como o discurso anterior, considera as questões ambientais como submissas à capacidade humana de resolver problemas. Ainda na linha democrática pragmática, considera-se que “muitos atores buscam interesses materiais egoístas, como lucro, aumento dos valores das propriedades, salários maiores, mais empregos na área de segurança ou subsídio ao acesso às áreas naturais

preteridas”. Apesar disso, o discurso em questão, de acordo com de-Shalit (2000, p. 59, apud DRYZEK, 2005, p. 114-115), “requer que, em conjunturas-chave, os agentes possam ser motivados pelo interesse público e reconhecerem que há interesses da comunidade (como a integridade ecológica que transcende aos interesses individuais”.

Por fim, um último discurso no que diz respeito à resolução de problemas é o racionalismo econômico. Este discurso compromete-se com o “desenvolvimento inteligente de mecanismos do mercado para alcançar fins públicos (...)” (2005, DRYZEK, p. 121). Assim sendo, considera que:

“Os mercados são sistemas que permitem que bens, serviços e instrumentos financeiros sejam intercambiáveis uns pelos outros (...). Se quisermos ter um mercado de bens ambientais, são necessários direitos de propriedade atrelados. De acordo com o racionalismo econômico, a especificação e o reforço desses direitos são a principal tarefa do governo.” (2005, DRYZEK, p. 123)

De acordo com os racionalistas econômicos e levando em consideração o contexto norte-americano, as agências governamentais que controlam as terras públicas agem como condutoras para o abuso das terras em favor de interesses especiais, e estes abusos não aconteceriam se as terras fossem privadas (2005, DRYZEK, p. 124). Ressaltando que esse discurso também baseia-se no *status quo* de uma política econômica de capitalismo liberal (2005, DRYZEK, p. 142).

Outro discurso tratado por Drizek faz parte da busca pela sustentabilidade. Como discurso, abrange os aspectos relevantes dos discursos anteriores, como, por exemplo, os limites ecológicos do discurso de sobrevivência, mas é mais incisivo em assuntos que outros discursos não aprofundam, como o reconhecimento de que atitudes de forma coordenada em relação à mudança climática precisam ser tomadas, e deixar tais demandas à mercê da espontaneidade e engenhosidade da humanidade, como postula o discurso promethiano, não seria o suficiente (2005, DRYZEK. p. 147).

Adotado pela comunidade e pelas instituições internacionais, o desenvolvimento sustentável foi adotado ironicamente pelo Banco Mundial – pois foi condenado por ambientalistas – entretanto, o resultado da tentativa de incorporar o discurso foi a recomendação de que os países ricos tornassem-se mais ricos e, assim, poderiam ajudar os países pobres através do mercado (2005, DRYZEK, p. 150). A análise do discurso propõe um “crescimento benigno” e leva em consideração o:

“(...) reconhecimento de que as aspirações legítimas desenvolvimentistas das pessoas no mundo não podem ser atingidas por todos os países, seguindo o caminho do crescimento já traçado por países, pois tal ação excederia os limites dos ecossistemas do mundo. Ainda, o crescimento econômico é necessário para satisfazer às necessidades legítimas dos pobres. O alívio da pobreza vai melhorar o que é uma das causas básicas da degradação ambiental, pessoas pobres são forçadas a abusar de seu ambiente local apenas para fins de sobrevivência. Logo, o crescimento econômico há de ser promovido, mas guiado de formas que sejam tanto positivas para o meio ambiente quanto para a justiça social.” (2005, DRYZEK, p. 153)

O seguinte discurso a ser tratado é o da modernização ecológica, o qual se refere, entre outras coisas, à reestruturação do sistema econômico capitalista a “linhas ambientalmente saudáveis”. Tem-se a percepção de que é necessário redesenhá-lo de acordo com um critério mais ambiental (2005, DRYZEK, p. 167). Em um sentido mais radical, isso significa o desafio de uma reestruturação econômica e política da vida, algo que vai para além de somente alterar a indústria num sentido técnico. Desde o ponto de vista etimológico, a economia e a ecologia originam-se do grego *oikos*, que remete à família, à casa, ao ambiente habitado. Então, considerando uma demanda urgente e radical, a modernização ecológica significaria uma grande mudança nas estruturas institucionais do sistema econômico, visando a uma resposta mais efetiva às questões ambientais, espaços abertos e de comunicação efetiva de decisões democráticas envolvendo os aspectos ambientais, além de considerações de abrangência internacional a respeito de meio ambiente e desenvolvimento (2005, DRYZEK, p. 171-174).

O autor ressalta, contudo, que a modernização ecológica “não admite facilmente a ideia de que a natureza possa ter um valor intrínseco além de seu valor material ou desejos esperançosos de uma forma de convivência mais simples sobre a terra” e, além disso, “governos sempre resistiram ao consenso e à formulação de políticas corporativistas, e, provavelmente, continuarão a resistir à modernização ecológica”. Apesar disso, o discurso teve certo sucesso aplicado em nações desenvolvidas que apresentaram objetivos rumo a uma política favorável ao ambientalismo (2005, DRYZEK, p. 179).

Avançando os discursos, o autor apresenta o tópico Consciência Verde, que surge na ideia de que “uma maneira de mudar o mundo é através do pensamento das pessoas”. Isso significa que, desde o ponto de vista ambiental, é necessária uma mudança na forma como as pessoas relacionam-se com o mundo, além de novas formas de “sensibilidade ecológica” (2005, DRYZEK, p. 183). Essa esfera estaria englobando os seguintes grupos:

“Partidos ambientalistas, movimentos favoráveis à libertação animal, biorregionalistas, ecofeministas, ecologistas “profundos”, ecologistas sociais, ecomarxistas, ecossocialistas, ecoanarquistas, ecologistas cristãos, budistas, taoístas, ecopagãos, advogados da justiça ambiental, economistas ambientais, teóricos críticos, pós-modernistas, entre outros.” (2005, DRYZEK, p. 183)

Isto dito, dividem-se esses grupos em duas categorias, a ser traduzidas como consciência modificada – *changed consciousness* – e políticas ambientais – *green politics* – (2005, DRYZEK, p. 183).

Tendo em vista a temática dos pontos abordados na linha de pensamento agora em discussão, cabe um pouco mais de aprofundamento a respeito de alguns dos assuntos, pois referem-se às discussões bem atuais sobre temas globais, entretanto, com um “quê” ambientalista. Adeptos à ecologia profunda fundamentam-se em duas questões-base: autorrealização, que encontra o seu dinamismo na ideia de um Eu orgânico para além do indivíduo em si (*self-in-self*), “uma condição psicológica de identificação e cuidado por outros seres e ecossistemas e com a natureza em sua integridade”; e “igualdade biocêntrica” segue a direção não antropocêntrica, a de que não há espécie considerada de valor superior à outra (2005, DRYZEK, p.184).

Ainda relativo à consciência, tem-se o Ecofeminismo. O alvo principal das críticas deste é o andropocentrismo, o que há de errado no mundo é a maneira como as pessoas se tratam. O surgimento do patriarcado que domina a natureza e as mulheres tem um papel central nessa problemática, pois não é natural e sim cultural. Além disso, um ecofeminismo refere-se a como a sociedade está organizada e os trabalhos nessa linha levam em consideração aspectos sócio-culturais e ainda que, a democracia nunca obterá sucesso em uma direção ecologicamente favorável enquanto estiver associada ao liberalismo (2005, DRYZEK, p. 186-187).

Na linha de mudar as pessoas através da consciência, deriva-se também o discurso biorregionalista. Este caracteriza-se pela redefinição das fronteiras e dos espaços habitados pelos seres humanos. Além disso, seus adeptos ressaltam a necessidade de se conhecer profundamente o espaço habitado, se organizar socialmente de maneira a respeitar limites ecológicos, além de considerar-se como parte dele, transcendendo outras fronteiras étnico-nacionais, por exemplo. (2005, DRYZEK, p.188)

Cabe citar também um grupo que o autor chama de eco-theologistas. Estes acreditam numa espiritualidade intrínseca na natureza, considerando que a tradição judaica cristã, ao pregar um Deus acima da natureza e dizer que o ser humano foi criado à sua imagem e semelhança, acaba por embasar a justificativa necessária para o ser humano manipular a natureza de forma abusiva. Nesse contexto, religiões como o Taoísmo, Budismo e Hinduísmo ganham força (2005, p. 190-191).

O presente discurso oferece uma linha em que abre possibilidades para a construção de noções subjetivas de ecologia. Cada ser humano que expande a consciência nessa direção pode desenhar sua própria relação com o mundo natural e com outros seres humanos. Dessa forma, para alguns, a própria natureza tem o seu propósito e seria um organismo vivo, de uma forma bem simplificada, a noção de Gaia partiria de princípios como esse e a biosfera seria autorreguladora (2005, DRYZEK, p. 195-196)

Dentro do radicalismo ambiental, segundo Dryzek, além da Consciência Ambiental, está inserido o tópico “Políticas Ambientais”. Enquanto o primeiro tópico tem uma análise a respeito da mudança das pessoas, o segundo tem o foco na mudança da sociedade. Em diferentes níveis de radicalismo, que vão desde eco-anarquistas - que buscam uma utopia bem distante – até ambientalistas mais “realistas” – muitos, inclusive, detentores de poder institucional. Nestes estão inclusos partidos ambientalistas, cuja atuação e força política se apresenta com mais incisão em países europeus – mesmo não tendo nestes surgido – com a causa ambiental de certo peso na agenda política. (2005, DRYZEK, p.203)

Com forte exemplo de atuação na Alemanha, o Partido Verde alemão é dividido em duas facções: os *Reals* e os *Fundis*, os quais os primeiros caracterizam-se por uma atuação mais formal dentro do sistema parlamentar, enquanto os segundos caracterizam-se mais como movimento social acabam por confrontar o próprio sistema político, considerando-o irracional. Apesar da divergência, ambos enfatizam o progresso social e acreditam que o caminho não segue para o retorno de um contexto pré-industrial, nem tampouco numa realidade totalmente pós-moderna, mas sim na reestruturação das práticas e estruturas política, social e econômica através de uma análise pragmática (2005, DRYZEK, p.204-205).

Dentro da temática de mudança social, há o campo da “Ecologia Social”, cujo principal alvo de crítica a respeito das relações sociais e da relação humana com a natureza é a hierarquia. Com a série de exemplos reflexivos interessantes a seguir, outro ponto de vista surge a respeito de aspectos longamente tratados por outros discursos, a dominação hierárquica:

“dos camponeses pela nobreza, das mulheres pelos homens, do campo pela cidade, dos jovens pelos mais velhos, dos trabalhadores pelos capitalistas, da sociedade pelo estado, da natureza pelas pessoas, do corpo pela mente, é um fenômeno não desejável e não natural” (2005, DRYZEK, p.206)

Ainda segundo o discurso, relações supostamente hierárquicas na natureza são na verdade relações de benefícios mútuos em que supostas perdas acontecem na verdade para atingir-se um equilíbrio e são na verdade relações cooperativas e homeostáticas desde um ponto de vista mais amplo (2005, DRYZEK, p. 206).

Isso não quer dizer que os adeptos a esse discurso defendam a “volta do ser humano ao jardim do Éden”, mas sim o entendimento de que evolutivamente, o ser humano se tornou autoconsciente e que esse processo evolutivo continua acontecendo. Com isso em mente, não se deve negar o uso e os artifícios da ciência e da modernidade, mas sim aproveitar a condição por estas proporcionada de refletir e realizar relações mais igualitárias (2005, DRYZEK, p. 207).

(cabe lembrar que os discursos, neste primeiro momento, são apenas apresentados, posteriormente serão discutidos junto aos resultados da pesquisa e as outras questões contextuais acima apresentadas).

### 3 MATERIAL E MÉTODO

O presente estudo foi realizado através do diálogo entre um referencial teórico, relativo às discussões democráticas e aos discursos ambientalistas, e os levantamentos empíricos realizados através de entrevista qualitativa e saídas a campo.

Este capítulo deve responder à seguinte pergunta: como foi feito o estudo?

Em decorrências empíricas de crise em muitos âmbitos, o diálogo entre leituras a respeito de democracia, crises democráticas e discursos ambientalistas, além da respectiva contextualização nos dias atuais, propõe uma alternativa saudável – mesmo que em uma dimensão pequena – de ocupação dos espaços e de organização civil. Tendo como objeto empírico as hortas urbanas do Distrito Federal, houve uma ambientalização e um recorte espacial das hortas:

Localizada na Quadra 12, Morro Azul, em São Sebastião.

**Figura 1 – Horta Comunitária Girassol**





Fonte: Arquivos do próprio autor

Localizada na QE 38, GUARÁ II.

Figura 2 – Horta Comunitária do Guarά



Fonte: Arquivos do próprio autor

Localizada na SQN 416, Bloco O.

**Figura 3 – Horta da SQN 416**



Fonte: Arquivos do próprio autor

Localizada na SQN 216, Bloco K

**Figura 4 – Horta da SQN 216**





Fonte: Arquivos do próprio autor

Localizada na SQN 206, Bloco K.

Figura 5 – Projeto Re-Ação





Fonte: Arquivos do próprio autor

Localizada na SHIN, QI 3.

**Figura 6 – Horta do Posto de Saúde do Lago Norte**



**Fonte: Arquivos do próprio autor**

Reconhecendo a existência de adversidades entre as propostas e, por vezes, os objetivos específicos de cada uma das hortas urbanas estudadas, buscou-se identificar principalmente as percepções de potenciais saudáveis. Entretanto, também buscou-se a explanação de outros aspectos em comum dos projetos, através de uma entrevista qualitativa com atores atuantes nas dinâmicas de hortas urbanas.

A entrevista apresentou as seguintes perguntas:

- Onde é a horta e desde quando ela existe?
- Como ela se originou?
- De que forma ou de que formas você contribui na manutenção da horta urbana, ou hortas urbanas, a qual se dedica?

- Quais os principais motivos que o impulsionam a realizar o trabalho com hortas urbanas?
- Quais os principais desafios enfrentados pelo grupo colaborador da horta urbana a qual se dedica?
- Como você vê a inserção da agricultura (participativa) no meio urbano?
- Que benefícios você encontra na participação da manutenção das hortas urbanas?
- Que potenciais futuros você identifica em projetos de hortas urbanas?
- Como você vê a relação entre as hortas urbanas e a proteção ambiental?
- Você usa agrotóxico?

## **4 RESULTADOS**

Tendo em vista a natureza da pergunta de pesquisa, buscar-se-á relatar todos os resultados obtidos ligados aos aspectos que envolvem e influenciam direta ou indiretamente o objeto empírico de estudo. Nessa linha de pensamento, cabe mencionar as percepções e as declarações encontradas nas respostas dos entrevistados com potenciais futuros confluentes com o levantamento teórico apresentado, isto é, resultados pertinentes com a questão de pesquisa.

### **4.1 História das Hortas**

Cada horta tem sua motivação e sua história ao surgir. O objetivo deste recorte em particular, é relatar as histórias do surgimento de cada horta de acordo com o conhecimento dos entrevistados. Cabe ressaltar que a diversidade dos motivos e das histórias que originaram cada horta é de fundamental importância.

#### **4.1.1 Horta Comunitária Girassol**

Segundo Hosana Alves do Nascimento, responsável pela horta em questão,

em agosto de 2005 teve um grande surto de rantevirose e morreu mais de 10 pessoas, (...) e aí a gente ficou sabendo que era de rato e a gente não sabia que tipo de rato comum, achava que era o rato comum de casa. Aí na época a gente pensou ‘então vai morrer todo mundo porque um tanto de lixo desse né’ aí a gente procurou a administração local, eles limparam e disseram ‘agora é com vocês, vocês que vão cuidar da área para o pessoal não jogar mais lixo’. Aí a gente pensou que plantando, as pessoas poderiam não jogar mais lixo. E aí começamos com 2 canteiros. Hoje temos 5 mil m<sup>2</sup> de hortaliças, frutíferas, criação de peixe. Hoje a gente está no DF com a maior horta urbana e comunitária do Distrito Federal.

#### **4.1.2 Horta Comunitária do Guará**

Segundo Daiana (sem sobrenome), uma das principais lideranças da Horta Comunitária do Guará, a horta em questão:

(...) foi criada em 2010 e revitalizada em 2017 (...). Quando a gente chegou aqui era mato alto, bem alto, mais alto do que a gente. A gente passou a máquina e começou a plantar. Na época a gente teve apoio do administrador que era o André Brandão (atual ex-deputado distrital), mas desde então a gente tem sido apoiado por todos. (...) e começou reativando o poço sabe, porque horta não tem como ficar sempre no baldinho. A gente começou com um grupo pequeno de mães que queriam ter uma atração pros filhos e quando foi ver deu tudo isso (...) a gente tá a dois anos e pouquinho plantando e colhendo alimentos em espaço público.

#### 4.1.3 Horta SQN 416

Segundo Ronaldo Weigand, que acompanhou o processo de criação da horta e atua, ainda, hoje, no manejo e coordenação de atividades aliadas à horta em questão e outras atividades de cunho cultural, festivo e educativo na vizinhança, a horta surgiu a partir de:

um grupo de amigos que costumava fazer coisas juntos e sempre eram festas na comunidade então (...) começou a perceber que (...) podia contar com eles. A Alda, que é a fundadora (...) tinha um trabalho que (...) chama de jardinagem de guerrilha, ela ficava indo nos jardins e plantando e plantando coisa e ficou pensando nessa história de horta. (...) Aí a gente escolheu e fez 4 canteiros aqui, era uma coisa pequena, no primeiro ano. Todo mundo plantou, muito entusiasmado, começou a dar umas coisas bacanas. Eu vinha só pra ajudar na parte de mão-de-obra (...). Como eu sou agrônomo eu dava um palpite aqui ali e tal mas eu tava muito ocupado com trabalho eu não conseguia dar uma assistência e também não tinha me envolvido tanto, não tinha sacado todos os benefícios que a horta podia me dar(...) a gente também teve apoio da secretaria da agricultura e da secretaria de meio ambiente, porque na gestão do Rollemberg, eles tinham um evento anual que chamava virada do Cerrado e a gente sempre participava dessas atividades, promovia aqui. (...) e essa horta acabou tendo um caráter simbólico, pela sua idade, pelo tempo, pela militância que a Alda tem num movimento mais geral que acaba usando isso aqui como base pra argumentação das políticas públicas.

#### 4.1.4 Horta SQN 216

Segundo Juventina, moradora do bloco K e uma das idealizadoras, além de colaboradora frequente da horta, a horta se “Originou da vontade das pessoas se reunirem e produzirem ali folhagens pra consumo imediato ou então pra então pra ter aquela alegria de se reunir, muitos estão ali pela alegria, nem tanto pelo consumo, que nem consome aquilo ali.”.

#### 4.1.5 Projeto Re-Ação

Segundo Igor Avelim, idealizador e fundador do coletivo Re-Ação.

Em 2014 a gente juntou com vários grupos, várias pessoas que estavam querendo plantar na quadra e aí fizemos uma reunião e eu já estava plantando na quadra e uma galera sempre colava. Aí a gente juntou essa galera que colava aí sonhamos sobre o projeto, o que que a gente queria e tal, fizemos tipo um “dragon dream” (. Aí nesse processo a gente tirou que ia soltar um catarse, um financiamento coletivo, mas primeiro a gente fez o primeiro mutirão, que bombou e aí a gente fez um vídeo que tem lá no catarse, aí caralho, esse mutirão bombou e veio mais de 100 pessoas, bizarro. Sabe uma coisa bizarra? Nunca mais aconteceu, nunca mais aconteceu. Soltei um flyerzino na internet e o negócio bombou bizarramente, não sei o que aconteceu, aí eu bom, o catarse foi meio difícil, conseguimos o financiamento e já estava plantando, a gente plantava lá pra cima, aí a gente começou fazendo umas hortas e plantar umas mudas, igual aqui. Aí depois deu problema lá e o condomínio pediu pra gente embora de lá e a gente veio pra cá, aí já foi fevereiro de 2015. A gente começou lá em novembro de 2014 e aí começamos a plantar aqui. Aquele mamão maior ali ó, foi o primeiro plantio, junto com a bananeira e o circulozinho, foi o primeiro dia. Depois a gente plantou aquele vapuruvú lá, no sistema de horta ferradura. Aí demos cursos, a gente organizou uns 3 cursos esse ano de 2015 com o financiamento, de raça, demos várias oficinas, organizamos vários mutirões. Demos um curso de pangs, um curso de ervas medicinais e um curso de saf (sistema agroflorestal), pra começar assim capacitando quem tava começando. O re-ação começou com um morador de lá (SQN 206), plantando árvores no meio da quadra, isso foi chamando atenção de outros moradores e eles decidiram montar o projeto centralizando o plantio na entre-quadra da 206 e 207.

#### 4.1.6 Agrofloresta Medicinal da Unidade Básica de Saúde do Lago Norte

Ainda segundo Pedro Brandão, que também participa do projeto da Unidade de Saúde do Lago Norte, o projeto em questão iniciou-se com:

(...) um médico chamado Marcos Trajano que iniciou o projeto de agrofloresta com ervas medicinais pra serem usadas com os pacientes.

#### 4.2 As Formas de Participação dos Atores

Em cada espaço, diferentes atividades para além do simples plantio são realizadas. Em algumas hortas acontecem mais dessas atividades, outras menos. Identificam-se atividades que se aproximam, ou, de alguma forma se relacionam com as atividades de plantio.

**Tabela 2 – Formas de Participação**

Entrevistada 1:
Com meu tempo, mão de obra. Eu não tenho medo não, assim, eu vou à luta. Se acontecer de ter alguma barreira, eu sigo em frente. Então eu acho assim, acaba que eu dedico tanto o trabalho que é a mão de obra como o tempo mesmo que é pra estar correndo atrás das coisas em benefício da comunidade, da horta.
Entrevistado 2:
Olha, eu sou agricultor, junto com minha mãe, responsável, e minha esposa. Juntos tocamos CSA.
Entrevistada 3: (Dai)
É eu comecei sozinha aqui liderando, depois eu percebi que eu não tava sozinha, (...) no dia da inauguração mesmo da horta eu vi que tinham outras pessoas que tinham o perfil de liderança e a gente foi se juntando, se juntando em uma luta a cada dia (...). O importante é a contribuição que o grupo ta dando pra sociedade, como projeto. A gente fala de socialização, a gente fala de saúde, de ervas medicinais, de alimentos orgânicos, da gente, fala, também, da questão de bem estar, tem muita gente que vem aqui como uma terapia. Então eu acho que é a união e a sustentabilidade é o que a gente mais prega aqui (...) então a gente trabalha com o que a gente tem, então a gente trabalha com sustentabilidade, com socialização, com saúde, bem estar e segurança alimentar (...) tem algumas pessoas que vem aqui que não necessitam, mas tem algumas que precisam muito e a cesta que a gente entrega é a alimentação da semana. Então é a união de tudo isso.
Entrevistada 4: (Gabriela)
Quando não tem atividade com as crianças eu fico na horta com o pessoal e aí no caso eu recebo o direcionamento deles. (...). Mas é basicamente isso, eu vim aqui a convite da Natália, porque assim, eu tenho um trabalho que chama “maria do caderninho” eu produzo coisas mas eu também dou aula, então foi assim que eu cheguei, ela me convidou pra dar uma aula pras crianças justamente pra gente trabalhar esses conceitos da educação ambiental. Porque a ideia é que mesmo para os adultos da horta, tudo faça sentido. O motivo de se ter uma horta comunitária e de trabalhar com essas questões ambientais, entendeu? Então a minha atuação é muito com a parte das crianças no sentido de ensinar tanto o conceito, e aí a gente trabalha com contação de história (...).
Entrevistada 5: (Ana Maria)
Eu sou voluntária e sou líder em comunicação e marketing. Então eu faço as matérias que vão pros jornais, eu recebo equipes de comunicação que vem fazer entrevistas, eu marco entrevistas também, marco reuniões, recebo as pessoas, faço cobertura fotográfica, colho, planto e colho também, que é a finalidade da horta.
Entrevistado 8: (Pedro)
São vários planos de atuação. (...) eu coordeno bastante os mutirões que têm mensais, eu to na parte de agitar e fazer acontecer. Durante (os mutirões) pra falar pras pessoas quais são as nossas necessidades, o que que a gente precisa trabalhar no dia e na unidade básica de saúde eu meio que sigo ordens do Marcos Trajano e o que tiver precisando a gente maneja la. Agora, tem um outro plano de atuação que a gente tem feito bastante que é mais burocrático que é pra certificar as hortas de acordo com a política de apoio à agricultura urbana e peri-urbana do DF. A gente ta fazendo uma rede de apoio entre os agricultores urbanos do DF e coletando documentos de cada projeto pra gente conseguir fazer uma certificação em massa. Validar essas hortas perante o Estado e em conjunto.
Entrevistado 9 (Antônio):
Eu trabalho muito isoladamente né, já tentei participar muito te mutirão, o último até que eu consegui participar, mas assim, ainda não muito articulado. Então eu, como moro bem em frente eu sempre estou fazendo umas coisinhas, mas de forma muito particular né, botando uma semente de jatobá aqui, uma semente alí, um inhame aqui, outro cará alí, uma bossama de abobora aqui, outra alí. Mas assim, muito desarticulado né, de uma forma quase que independente do grupo.
Entrevistado 10 (Igor):
Eu tenho mais me dedicado aqui na forma prática. Durante dois anos eu fui o responsável por um projeto de mobilização e articulação das hortas, pelo inesc, eles captaram um recurso la e eu fiquei junto com uma garota que também era militante da agricultura urbana ai a gente ficou articulando as hortas e tal, antes disso, a gente organizou o primeiro encontro de agricultura urbana de Brasília, que foi aqui embaixo desse bloco, foi o reação que puxou aqui com uma galera, junto com a horta girassol la de são sebastiao, juntou uma galera aqui e tava se criando a horta la da 216, e foi a primeira reunião da articulação, aí depois dessa reunião tiveram outras reuniões pra organizar várias coisas e aí a ente conseguiu esse recurso com o inesc e aí ficamos ajudando as hortas na parte técnica, mas no momento eu só estou ajudando aqui.

**Fonte: Próprio autor**

### 4.3 As Principais Motivações dos Atores

A entrevista abordou também os motivos que impulsionam os atores a realizar trabalhos e a dedicar tempo com atividades em hortas urbanas. A explanação deste aspecto tem como objetivo dar base para identificar o(s) tipo(s) de pensamento(s) que leva(m) os indivíduos que atuam na criação e manejo das hortas.

**Tabela 3 – Principais Motivações**

Entrevistada 1 (Rossana)
A visão que eu tive é que a horta seguiu minha casa. A gente ia sair, o governo ia tirar a gente daqui dessa quadra e aí, na época, a gente conseguiu, em 2009, teve a revisão do PDOT e aí a gente mostrou pra codab, na época, que era ceduma, que a gente tava cuidando da área e ai eles fizeram um acordo com a gente, acabaram, por bem, não tirar, porque a gente estava cuidando da área e eles falaram “não, se tirar o pessoal de lá a gente vai ter invasões, vai ter coisa”. Eles tiveram essa visão também né. Então o primeiro impacto foi esse. De a horta segurar nossas casas, a partir desse momento eu vi a importância que a horta tinha nas nossas vidas.
Entrevistado 2 (Salvador)
Como eu falei né, qualidade de vida. Isso pra mim tá excelente e só melhorando. A qualidade de vida da minha família tá aqui dentro, trabalhando pra nós mesmos, então é uma coisa excelente.
Entrevistado 3 (Daiana)
Por acreditar que é possível, sabe? Manter esse espaço, manter esse projeto é acreditar que a gente pode ter um mundo melhor. Que a gente só precisa fazer e só precisa querer. Então o que funciona é acreditar que a gente pode ter um mundo melhor sim, que não precisa dessa loucura toda, que a gente não tem que desmatar tudo pra poder plantar, a gente pode conciliar, que nos centros urbanos não quer dizer que a gente não possa plantar, quer dizer que tem muito espaço público que está aí, que tá ocioso, parado e que poderiam ser canteiros, né. Poderia ter funcionalidade, não é só o belo, ser canteiro pra bonitinho com florzinha, legal, mas as florezinhas têm várias florzinhas que são belas e são funcionais, são medicinais. Então a gente prega muito isso, usar melhor o nosso espaço público, nosso espaço público em cidades né.
Entrevistada 4 (Gabriela)
Acho que a coletividade principalmente é uma coisa que chama muito atenção aqui na horta porque tem pessoas muito aqui da região, mas também tem gente de outros lugares. Essa ideia de você sair de casa para trabalhar em algo coletivo e que vai gerar frutos pra todo mundo e o fato de mexer com a questão ambiental pra mim é superimportante, porque já é um trabalho que eu desenvolvo de maneira particular, então acho que uma das minhas grandes motivações além da horta em si, é a coletividade com o pessoal.
Entrevistada 5 (Ana Maria)
Realmente é o meu trabalho comunitário mesmo, que é a forma de você contribuir, sabe? Com o meio ambiente, com a vida, com as pessoas. O que eu acho mais bacana aqui é que a pessoa vem, ela planta, ela vê crescer, ela colhe e ela come e leva pra casa. Isso é o gratificante, as pessoas não sabem nem como é que é feito né, muitas vezes, produzir uma planta. É isso, você interagir também com as pessoas.
Entrevistada 6 (Juventina)
Eu gosto muito da terra, eu gosto muito de plantar, de ver nascer, de cuidar e depois até mesmo você colher ali o que você mesma plantou, eu acho que tem um sabor diferente.

Entrevistado 7 (Ronaldo)
Primeira coisa pra mim tem um lado de interação social, não sei se é o primeiro fator, mas é um fator importante. Toda vez que eu venho trabalhar na horta eu encontro uma pessoa conhecida, um amigo que ta passeando aqui ou faço um amigo novo. Geralmente são pessoas que até a gente agrega no nosso movimento comunitário, que aí vai além do social, é um movimento da nossa micropolítica né. “ah, vem aqui pra horta, deixa eu pegar seu número de telefone, coloca no grupo de whatsapp da vizinhança” e de repente a pessoa está envolvida nos assuntos da vizinhança e não só da horta, então é um jeito também, um chamariz pra gente criar a nossa coesão social da vizinhança. Então é o primeiro fator social, da amizade, o segundo fator é o da micropolítica, terceiro fator – ligado à micropolítica – é o fator da educação que você faz com seus vizinhos com as pessoas que passam aqui, com o tempo que você dá e não só com as pessoas que passam aqui, eu já perdi a conta de quantas vezes eu já dei entrevista pra TV, que já fizeram matéria sobre a nossa horta. Então assim, isso aqui tem um fator de multiplicação que vai muito além de quem passa por aqui, então quando você fala disso, você multiplica não só a proposta de horta comunitária, como nossa proposta de vida integrada à vizinhança e tudo mais, que é uma coisa que a gente também tem. Tem o lado do exercício físico, que pra mim é bem importante, nesse ano que eu estava irrigando a horta eu perdi 10 quilos e eu to querendo perder 10 quilos denovo, porque quando eu não pude irrigar eu ganhei os 10 quilos denovo, então eu to querendo ver se nesse verão eu perco os 10 quilos denovo, eu sinto que eu fico bem saudável, tem esse lado do fitness mesmo, tem um lado terapêutico é gostoso, tal, to integrado. E eu sinto também, quando você mora num apartamento, parece que você foi excluído de uma dimensão da vida, que é a dimensão de você ter um quintal, de você morar num sítio, parece que você ta confinado naquela caixinha né e quando você tem a horta, de repente a minha casa cresce né eu não to preso na minha caixinha, tudo isso aqui é a minha casa, a minha fazenda, eu me sinto como na minha fazenda e eu não tenho que ter o dinheiro da fazenda e nem me deslocar 2 horas pra chegar na fazenda, a fazenda ta aqui do meu lado né, então tem esse lado sim que eu acho que expande a apropriação que a gente tem do espaço dentro da cidade, então eu me sinto dono da minha vizinhança e tal, não o dono exclusivo, tirando dos outros, um dono compartilhado, mas mesmo assim um dono, como se estivesse num mega condomínio, numa fazenda coletiva, alguma coisa desse tipo, então eu sinto que expande a minha vida.
Entrevistado 8 (Pedro)
Eu acho que é exatamente mesclar as duas coisas, trazer um pouco do campo. Que é tão importante para o Brasil e ao mesmo tempo tão negligenciado, tão esquecido. Agricultura é uma profissão tão importante pra gente e a gente não lembra da importância de quem planta a nossa comida que é a agricultura familiar. É trazer um pouco dessa reflexão pra dentro da cidade, além de ocupar os espaços públicos. Brasília tem o potencial para ocupação de espaços públicos, mas de fato ele não acontece né. Agora com alguns projetos que está acontecendo.
Entrevistado 9 (Antônio)
A não sei, eu sei que sou viciado em plantar, semente, principalmente coisa de comer, cerrado, então essa pegada da planta comestível e do cerrado é uma coisa que me impulsiona muito.
Entrevistado 10 (Igor)
Tem o objetivo fim, que é uma sociedade justa, socialista, com as pessoas com uma consciência maior, se envolvendo com a natureza e com o ambiente que elas vivem, deixando de destruir o meio ambiente, mudando as tecnologias e seus paradigmas, no mais é um puta projeto de educação ambiental, muita gente aprende, muita gente reproduz, o projeto reação incentivou muita gente a plantar nas suas quadras e fazer suas micro revoluções.

Fonte: Próprio autor

#### 4.4 Principais Desafios a serem Enfrentados pelos Atores

A explanação dos principais desafios a serem enfrentados pelos atores acontece na tentativa de captar destes a percepção das dificuldades e da viabilidade dos projetos. Além disso, espera-se que explorando essas questões seja possível identificar padrões e/ou dificuldades em comum entre uma e outra horta.

**Tabela 4 – Principais Desafios**

Entrevistada 1
O mais difícil é as pessoas não entender o projeto, não acreditar. Eu acho a pior parte é essa. Mexer com a terra é maravilhoso, você plantar, você colher. O que eu acho mais difícil é as pessoas não entender o processo. Achar que a gente ganha rios de dinheiro, mas a realidade não é essa, a gente tem muita dificuldade com adubo, com insumo. Então a maior dificuldade é essa, de entendimento mesmo.
Entrevistado 2
Eu não diria desafios, mas eu chego a dizer que não é desafio, é só do dia a dia mesmo né.
Entrevistada 3
É a aquisição de mudas e de sementes, porque tudo o que tem aqui é doação, ninguém trabalha aqui ganhando, aqui todo mundo trabalha de forma voluntária. Então tudo a gente compra, a gente compra muda, compra semente, às vezes a gente não consegue adubo de alguma entidade pública, aí a gente acaba fazendo vaquinha, acaba comprando. Então o que a gente precisa mesmo pra a gente falar de horta urbana é o governo dar mais apoio mesmo, dar subsídio pra ela se manter.
Entrevistada 4
Ó eu vou te falar mais da parte que eu tenho acesso que é essa parte da escola ambiental, eu acho que é muito a questão dos materiais, do espaço físico. Como tudo aqui é doado, construído mesmo a passos de formiguinha, as vezes, por exemplo, que nem aqui, o espaço estava bem mais bagunçado, a gente organizou cadeira, mesa, colocou umas florzinhas, ta tentando trabalhar com os trabalhos das crianças de formas mais expostas. Mas eu acho que as dificuldades mais latentes é a questão da estrutura mesmo, porque precisa de uma mangueira, então trabalho em prol de uma doação e ai, por exemplo, aqui na parte de educação ambiental a gente precisa tipo de tesoura para as crianças, cola, esse tipo de coisa e aí já é uma demanda difícil, porque o pessoal tem demanda da horta em si que é como eu te falei, uma mangueira, um negócio, então eu acho que é mais nesse sentido assim, sabe?
Entrevistada 5
Olha, nosso desafio é em termos de apoio jurídico né, doações a gente tem muito pouco, e apoio assim mesmo, de material, de insumos. (...). E também, a dedicação, como são todos voluntários, tem que ter a dedicação. Um tem mais dedicação, outro tem menos dedicação né. Os principais desafios é esse mesmo, de você tocar o projeto e ter uma estrutura pra tocar o projeto, ter apoio pra tocar o projeto, material e de pessoas que queira participar, dar o seu trabalho voluntário.
Entrevistada 6
Olha, o pessoal, o grande desafio daqueles que tem realmente garra é que as pessoas se empolgam muito e depois vão se afastando, é como se fosse uma coisa muito periódica, de um período só depois vão buscando outros atrativos. Então o grande problema é esse, as pessoas não dão continuidade.
Entrevistado 7
Eu diria que o desafio principal é a água. Porque que eu falo que o principal desafio é básico assim, porque é a partir desse desafio que a cria a satisfação ou não de quem vem. Quando você planta e aquilo que você plantou morre porque não tem água, quem fez esse trabalho fica meio desmotivado, (...) as pessoas também querem colher o alimento saudável, querem comer saudável, querem ver aquilo crescer e tal. Se ela vem e ela nunca colhe, ela nunca vê aquilo que ela plantou crescer, então isso dá um problema e teve ano foi complicado porque as chuvas tem mudado seu padrão, antes chovia em Brasília todo dia no verão na época da chuva, você tinha um horário e tal. Agora não, agora vem uma chuva muito forte, passa 3 dias sem chover. Você plantou uma mudinha, se você não regar, nos próximos 3 dias ela morre. Então as vezes a gente vem aqui e ta tudo molhadinho, planta a mudinha, passa 3 dias, morreu e aí, no final de semana seguinte, o que ela plantou não ta mais. A outra coisa que eu acho fundamental e importante, que é um desafio sempre que eu acho que vem da água e do jeito que você toca o movimento é a participação né, não é sempre que as pessoas seguem motivadas pra participar. Quem promove esse tipo de coisa tem que entender o ciclo da participação das pessoas, as pessoas não ficam pra sempre envolvidas num projeto voluntário, elas vão e depois de um tempo elas abandonam o projeto e vão fazer outra coisa. É igual quando você dança de salão, poucas são as pessoas que ficam a vida inteira, ou você vai fazer yoga, poucas são as pessoas que ficam a vida inteira fazendo yoga. A horta também tem seu ciclo. As pessoas ficam 1 ano, 2. Aí você tem que ver se trás pessoas novas para o movimento.

Entrevistado 8
Engajar a população, a comunidade em volta dos projetos é um dos maiores desafios assim, pelo menos aqui tem projetos em lugares de classe média alta é bem difícil conseguir o engajamento da população. Tem vários projetos nas cidades satélites que envolvem, de uma forma muito mais transformadora, a população, porque a galera já tem um contato maior assim com a agricultura, então acho que quebrar a bolha, sair do quadrado é mais difícil. Fora isso, acho que conseguir o apoio do Estado né, ser reconhecido como um projeto que faz a cidade funcionar que faz parte da cidade, acho um bom desafio.
Entrevistado 9
Água né, lógico. Tem a questão do que seria da manutenção quando a ente vê que a novacap... não existe um reconhecimento de que existem hortas urbanas então muitas vezes vem com umas roçadeiras e a gente tem uma dificuldade de articular né, então o próprio grupo, a comunidade não compreende o que é uma horta urbana então acho que é mais ou menos isso, a articulação da horta urbana com a comunidade.
Entrevistado 10
Envolvimento das pessoas, a lei pode atrapalhar, mas não é a lei que está atrapalhando mais, galera não se envolve, não pega pra fazer, vem aqui e fica só conversando

Fonte: Próprio autor

#### 4.5 Visão dos Atores a Respeito da Inserção da Agricultura no Meio Urbano

A exploração deste aspecto retrata a visão de atores ativos nas dinâmicas com agricultura no meio urbano. A partir desta questão, foi possível captar percepções a respeito de ocupação de espaços públicos, bem-estar social, consciência ambiental, contrastes do ambiente urbano e do campo.

**Tabela 5 – Visão dos Atores da Inserção da Agricultura no Meio Urbano**

Entrevistada 1
Eu acho maravilhoso, a gente tem tantas áreas abandonadas que poderia se transformar, não precisa ser uma horta, pode ser outra coisa, uma agroflorestal, você trabalhar com flores. E cada um tem sua... né não é obrigado todas as áreas ser hortas, poderia ser espaços que poderia ser usado coletivamente né. Ou pro plantio, ou pruma praça, tudo integrado.
Entrevistado 2
Pra nós é a questão da logística né, muito bom estar dentro da cidade, produzindo dentro da cidade, fazendo com que as pessoas venham aqui. Pra você ter uma ideia, nós vendemos, não vamos pra fora, não temos banca. As pessoas vêm aqui e nós colhemos na hora
Entrevistada 3
Muito positiva, eu acho assim: quando a gente tem alguns acidentes ambientais e parece que nesses últimos anos a gente ta vendo no Brasil cada um mais monstruoso que o outro, não preciso nem citar se a gente for começar com as barragens, com as queimadas, com vazamento de óleo e tudo isso é uma total desconexão com a natureza, com a mãe natureza e o centro urbano tem muito mais isso, essa desconexão, porque você já cresce no centro da cidade, então você não tem muito contato com a natureza e você perde essa sensibilidade, do que é ruim pra ela e você se coloca numa posição de que você é até superior a isso né. Então, essa conexão é o que a gente tenta fazer, reconectar essas pessoas com a natureza é tem criança que descobre aqui como é que se planta uma cenoura e que a cenoura vem da terra, porque não sabia nem se era pendurada numa árvore, Entende? Porque está tão acostumada a comprar cenoura no mercado que não sabe nem como é que a gente planta, não sabe nem como é que cresce, não sabe nem que da na terra e que é um tubérculo e que a gente ranca da terra, né. Então quando as pessoas tem a sensação de rancar e ter uma cenoura na mão, tem criança que já saiu correndo aqui gritando “pai, pai, pai,

<p>descobri aqui ó, a cenoura vem da terra”, porque a gente não planta mais, e aí você fala “a cenoura vem da terra”, ou será que é igual a maçã que fica penduradinha na árvore? Então esse aqui é um local pra gente ter essas percepções, acompanhar essas percepções e aí você fica mais sensível à questão da natureza aí você acha absurdo um vazamento de óleo, aí você acha um absurdo uma barragem que é rompida, né. Porque você projetar uma barragem – eu já fui engenheira ambiental responsável por barragem, então eu sei o que é isso, eu já trabalhei em mineradora. Pra você projetar um restaurante abaixo de uma barragem, é você literalmente falar quanto que vale a vida, porque a gente sabe do risco, isso é uma piada, você tem mapeamento de riscos em todas as unidades dessas grandes empresas e eles sabiam que a barragem que tava alí podia ser rompida e que o risco era realmente matar todo mundo que tava abaixo. Mas vamos supor que na empresa tenha 100 funcionários, eles calculam dessa forma, 100 funcionários se eu tiver que indenizar, quanto é que custa? Ah, então ta, quanto que custa mudar a barragem? Aí você faz um balanço, se você mudar a barragem, ou mudar a estrutura, mudar o restaurante, fica mais barato ou mais caro que a indenização daquelas vidas, dependendo eles falam: “não, é melhor indenizar”, é mais barato indenizar. Se acontecer alguma coisa, então é tudo muito frio e fazer esse cálculo friamente assim é não ter sensibilidade com a questão da vida é a falta de conexão com a natureza.</p>
<p>Entrevistada 4</p> <p>Acho que, ainda, ta caminhando a passos lentos, mas acho que é extremamente necessário assim, porque as pessoas ainda tem uma mentalidade sobre a separação, o rural ta la num canto e a cidade está em outro canto e então eu acho que esse movimento que as pessoas tem feito aqui na horta urbana é um movimento muito bonito e é de luta mesmo intensa assim, porque as pessoas, no caso da agricultura, você precisa colocar a mão na terra e você precisa está de baixo do sol e isso exigem um comprometimento e uma dedicação das pessoas que ainda está sendo trabalhado, então eu acho que o que está acontece aqui na horta urbana é muito bonito e necessário, essa questão da agricultura na cidade é muito complicado porque ainda demanda muito financeiro e parte muito do individual, então quando as pessoas conseguem se unir mesmo quando consegue acontecer essa coletividade da pra ver que a coisa caminha mesmo.</p>
<p>Entrevistada 5</p> <p>Eu acho que tem necessidade de ser feito, né. Inclusive nós temos aí o decreto, acho que a Dai já deve ter falado, que ela que tem mais propriedade para falar sobre esse decreto que aora tem um apoio maior do overno pra implantar essas agriculturas urbanas, ocupar os espaços né. Então eu acho que a partir disso aí, depois que implementar esse grupo executivo que está sendo formado eu acho que vai ficar mais assecível e vai ser bem melhor mesmo.</p>
<p>Entrevistada 6</p> <p>Eu acho que humaniza mais, as pessoas passam a valorizar, passam a conhecer o que está comendo e passam a ter mais conhecimento sobre aquilo ali, passa a ser mais exigente para se alimentar, e fora que eu acho as pessoas se reunirem, tem o lado social também então isso é isso, é como se trouxesse a horta la da roça pra cá, mas com aquele interesse de reunir as pessoas, não o ganha pão, mas aquele lado social e conhecer as plantas melhor, que pouca gente conhece, o nosso tempo é muito curto né. Eu acho isso muito importante.</p>
<p>Entrevistado 7</p> <p>Eu falei nesse sentido de apropriação do espaço né e eu acho que é pensar nesses benefícios individuais e extrapolar para a coletividade. Quando você pensa a agricultura, ela serve pra provocar interação entre as pessoas, serve pra provocar coesão social, ela serve pra trazer benefícios ambientais, ela faz educação ambiental, ela faz educação alimentar. Aqui tinha muita criança que não comia verdura e começou a mexer aqui com os pais e começou a comer verdura em casa, porque experimentava aqui na hora. Então você tem todo um processo de educação que eu acho que é importante. Eu não acho que você vai ter uma produção de alimento necessariamente significativa pras pessoas que estão aqui, não é isso. Mas educação alimentar, educação ambiental, é muito forte. Hoje tem um movimento aqui de venda de orgânicos aqui na vizinhança, o pessoal vinha com um ônibus aqui vender, tem uma banca na quinta feira, agora tem um pessoal que organiza uma feira de orgânicos que vem até o pessoal do MST vender aqui no sábado. Eu acho que tudo isso tem a ver com o nosso movimento, porque os primeiros clientes dessas iniciativas foi o pessoal que tava na hora, ou ligado ao nosso movimento. Depois, eu mesmo, só comprava orgânico se o preço valesse a pena, se o preço não fosse muito discordante. Mas depois que você começa a comer orgânico da sua horta, você sente a diferença do gosto e tudo, você começa a não querer, por causa de 2 reais, deixar de comer algo que é mais gostoso, que é mais saudável. Então eu acho que a horta tem muito esse papel educativo. Acho que é o principal papel dela.</p>

Entrevistado 8
Acho que são várias leituras sobre isso. Eu acho que é muito importante isso, de uma coisa permear a outra, do campo permear a cidade, acho que isso trás várias reflexões para as pessoas que frequentam esses projetos e que só vem, questionar mesmo sobre a educação ambiental, sobre mudanças climáticas, agroecologia, várias questões que são importantes que a agricultura urbana trás.
Entrevistado 9
Eu acho que ela é uma ferramenta de interação social, das pessoas conhecerem umas às outras, principalmente adultos, sem uma ferramenta do consumo, não nenhum café, não é nenhum qualquer outro hobby, é um hobby que envolve um certo consumo, mas é são plantas que você multiplica e tal e no sentido também de educação infantil e ambiental, então é eu tenho filho, sei que é muito atrativo né, a questão do plantar, do colher, do cuidar de plantas, pra criança é muito importante.
Entrevistado 10
A cidade surgiu quando as pessoas começaram a domesticar as plantas e começou a parar de caçar né, integrando caça e agricultura né, então depois que se isolou a produção agrícola e a cabeça das pessoas acham que comida vem de uma caixinha mágica né? vai lá no supermercado e compra e tal e acha que colher no pé não é saudável, tem gente que acha isso né, você vai colher com alguém assim pega uma acerola do pé, vai comer fala “não, mas pode comer?” “uai, mas você não come a fruta do supermercado? as vezes até sem lavar, porque que tem que lavar aqui? Aqui é o mais limpo de tudo né”. Aí eu quero que você veja o meu vídeo lá no youtube, chama desafio da produção agroecológica na cidade, fala disso. Eu trago todas umas ideias filosóficas traçando vários paradigmas que engessam a cabeça humana, tanto do sistema, quanto do ser humano, pra entender porque que a gente tem que reinventar a cidade, o que exige acabar com o que é a cidade hoje né, é um espaço do aparteid, da segregação, do controle, da militarização, da higienização, né e a gente quer uma cidade das pessoas, humanizada, onde as pessoas possam se encontrar, as pessoas diferentes, de outras classes, juntas pensando o que é a cidade, o que é esse convívio que a gente busca né, então a agricultura ela é essencial pra gente entender de onde vem o nosso alimento e entender o potencial que tem a agricultura estar junto com a floresta e meio ambiente, a ecologia geral e ela é importante pra fazer esse resgate das raízes e pra libertar, porque se a gente não tem autonomia do nosso alimento, que revolução a gente quer fazer?

**Fonte: Próprio autor**

#### **4.6 Percepção dos Atores Envolvidos sobre os Potenciais Futuros em Projetos de Hortas Urbanas**

O apanhado da percepção dos atores a respeito dos potenciais futuros em projetos de hortas urbanas é um compilado que retrata visões compartilhadas e individuais dos diferentes atores entrevistados. (Jung e a natureza....)

**Tabela 6 – Percepção dos Atores Envolvidos sobre os Potenciais Futuros em Projetos de Hortas Urbanas**

Entrevistada 1
Eu acho que o principal seria focar na educação ambiental. Porque o pessoal acha que o meio ambiente é só plantar árvore e não é né. Tem toda a questão de lixo, tem vários processos né então as pessoa acham “ah, meio ambiente é só plantar árvore”. E não é né, é uma questão bem mais ampla, então assim, focar um pouco nessa questão ambiental, trazer essa questão ambiental pra dentro da sua comunidade é bem interessante essa parte, eu acho. E é o que a gente quer fazer aqui, a gente quer transformar a horta em 3 pilares que a gente já vem trabalhando que é: meio ambiente, esporte e educação. Então a gente tem um projeto de construir a primeira creche sustentável do Distrito Federal e um ginásio, pra gente trabalhar esses três pilares.
Entrevistado 2
Minha mãe sempre diz né que aqui é um exemplo pra se espalhar né e era uma boa. Espalhar exemplos, nós aqui queremos que aqui, querendo ou não chega a ser uma área pequena, pro potencial que queremos. Queremos fazer essa área gigantesca. Mas o potencial é gigantesco né, abrange muito.
Entrevistada 3
Pronto, a pessoa fala assim: “qual seu sonho?”. Que tivesse diversas hortas urbanas, que a educação voltasse as ser integral, porque eu sei que a correria da grande cidade o pai precisa que o filho estude de manhã e a tarde, porque é o horário que ele infelizmente trabalha. A gente adotou uma jornada de 8 horas como padrão, né. Então os pais vão continuar trabalhando mesmo tendo filhos e os filhos ficam onde né? Será que precisa ficar naquela escolinha que fica dentro de parede, dentro do concreto o dia inteiro, que a criança volta super irritada porque quase não brincou, porque fica dentro de uma sala? Ou a gente poderia ter várias hortas urbanas e que as escolas participassem no período de contra turno. O que é plantar, o que é colher? De como funciona tudo isso né? De ter esse benefício de socialização. Pra você plantar você tem que trabalhar em equipe. Tem que estar junto, tem que saber uma ordem né. Que fazer um buraco, depois vai la colocar a mudinha, depois ir la e fechar, colocar a cobertura. Então tem todo um trabalho de equipe que você consegue ver aqui na horta né, não é a toa que a gente tem 10 líderes para manter o projeto. Então se a gente tivesse a oportunidade de colocar isso pras crianças esse momento, seria perfeito.
Entrevistada 4
Acho que um retorno na comunidade, porque assim, por exemplo, aqui, o pessoal trabalha e leva a cesta pra casa e é tudo dividido igualmente, por exemplo, se der 10 pimentas e der uma pra cada um, vai dar uma pra cada um, se der meia, vai dar meia. Então eu acho que esse processo de pensar no coletivo e de todo mundo trabalha, todo mundo ganha. É eu acho que isso é uma coisa grandiosa, não pra um espaço de horta, mas pra sociedade assim, então eu acho que um dos benefícios é a gente chegar num ponto onde a gente consiga atingir pessoas que não consigam estar aqui o tempo todo, porque, por exemplo, tem pessoas que querem estar aqui, vou desse espaço aqui só que acontece a cada 15 dias, sábado de manhã e aí por exemplo tem gente que não consegue vir porque trabalham, em outras coisas. Mas os frutos que saem aqui da horta, eles podem alimentar muita gente, então eu acho que conseguir atingir outras pessoas que não conseguem acessar ainda esse conhecimento também eu acho que é um fruto que é benéfico. Eu não sei se é utópico, mas é um sonho.
Entrevistada 5
O potencial de contribuir pra sustentabilidade, pro meio ambiente, né de talvez as pessoas se alimentar melhor, ter o conhecimento de uma alimentação mais saudável, então é isso o que eu penso assim né, que o planeta agradece, que as pessoas agradecem, por favor, muito obrigada, né. Eu acho que é isso né, o futuro que a gente pensa é nesse, de melhorar bem principalmente para alimentação, porque, fato enraçado rapidinho aí é, tem um senhor de um supermercado que ele contribui, assim, as vezes ele ei aqui, não vem muito porque ele tem os afazeres dele. Mas ele falou assim ‘Ana, é muito enraçado chegou uma vez um cliente, uma criança perguntando como era o pé de macarrão, aí ele foi explicar como era feito o macarrão, então sabe esse conhecimento assim, a criança as vezes as vezes não sabe como é que é feito, como é que produz uma fruta, chega umas aqui que se vezes, perto do matinho e fica encantada aaah, isso é comete, não sei que.
Entrevistada 6
Eu vejo que como a dificuldade, a gente ta sempre debatendo, com dificuldade, eu acho que a pessoa tem que focar naquilo que ela mais gosta então, por exemplo, eu tenho focado e a minha amiga que continua la também, a Bruna, nos remédios nos chás, isso é uma coisa que as pessoas estão sempre procurando. Talvez a hortaliça é uma coisa muito delicada que precisa assim um cuidado contínuo, então a gente vai afastando e procurando aquilo que tem mais condição de criar, de tocar pra frente. Não adianta você querer plantar alface se o local ali ou mesmo as pessoas não participam tanto, então, a gente precisa partir pras coisas que não precisa tanto cuidado, no caso os remédios. Todo mundo gosta de remédio né, nem todo mundo gosta de folhas.

Entrevistado 7
Acho que a horta é uma boa ancora para movimentos comunitários. Eu acredito muito nesse movimento que ta surgindo, acho que é um movimento de vizinhança, não é só aqui, tem em outros lugares em que as pessoas falam assim “eu vou consumir ou eu vou produzir”, aí a gente ta falando assim, que quando você está vivendo na cidade, a diferença entre você e uma população tradicional, um outro povo rural é que você é um consumidor de coisas, você não produz. Você não produz cultura, você não produz comida, você não produz nada. E no movimento de vizinhança que a gente se propõe aqui, a gente é produtor, então a gente produz a horta, a gente produz as festas, a gente faz sessão de cinema a gente é produtor, eu vou produzir e isso cria uma dinâmica diferente, sabe?! Eu não sei se as pessoas dão esse nome ainda, mas acho que elas estão descobrindo o prazer de produzir e não só de consumir. “Vamos ver o que a gente gostaria de produzir pra gente comer, pra gente consumir, pra gente curtir né”. E aí, por exemplo, a gente faz sessão de cinema aqui na quadra e eu faço, às vezes a organização, às vezes quase sozinho, às vezes com 2 ou 3 pessoas e gasto o mesmo que eu gastaria pra ir ao cinema no shopping e eu promovo uma diversão pra 20, 30, 40 pessoas, então é assim, esse movimento de produzir. Não ser só consumidor das coisas.
Entrevistado 8
Identifico muito potencial, não só eu, mas acho que a própria ONU e várias outras entidades internacionais e organismos multinacionais estão percebendo que é muito importante esse tipo de solução para as cidades, tanto pra gente compensar as nossas emissões de carbono e resolver alguns problemas das mudanças climáticas. Tipo um microclima, você ter pequenas plantações no meio da cidade você altera a temperatura desse lugar. Tem várias coisas, trazer o alimento para mais perto pra gente saber da onde a gente a tá tirando ele.
Entrevistado 9
Eu sempre fico assim, meio sonhando com a ideia, mais do que só horta urbana, mais restauração do cerrado dentro de área urbana, porque a gente vê um ambiente dominado por gramados, então eu gostaria muito que tivesse uma questão núcleo que é a ideia da agroflorestal, mas pensando em uma floresta cerrado né tem (?) savana, então seria uma “agrossavana”, ou um “agrocerrado”. Então se a gente pudesse trazer o cerrado de volta pra cidade pra ter as árvores, os insetos e as frutas do cerrado né, a mama-cadela, o barú e todas essas frutas que a gente sabe, o cajuzinho do cerrado, além dessas que são já modificadas né que é como outras mais (?) o milho e assim
Entrevistado 10
Na nossa micro revolução aqui, que que aconteceu? A maior parte das pessoas aqui não se conhecia, a maior parte das pessoas do bloco também não se conhecia, então a gente criou um lugar onde as pessoas se encontram e se conhecem, se entendem como diferentes, mas entendem seus pensamentos também, suas ideologias e a gente está numa crise política, cada vez mais forte, as pessoas estão fora de si assim, e fora da comunidade. Então isso aqui começa já sendo um ponto. Igual o Gilberto Gil falou dos pontos de cultura, como pequenos pontos de acupuntura na cidade onde as periferias, as pessoas com as suas linhas ideológico culturais se encontrariam e se fortaleceriam, então é como um ponto de acupuntura na cidade, as pessoas descem e se conhecem, teve gente que morava aqui a vinte anos e não conhece um vizinho e agora conhece vários vizinhos, troca ideia, desce com as crianças, saca? Então são micro revoluções e a gente tem que fazer isso em todos os bairros, em todos os lugares, formar redes, pra gente se fortalecer enquanto sociedade, enquanto comunidade. Não acredito na macro política, eu acho que esses porra desses políticos estão aí só pra foder com a gente, muitos estão ali legal e tal, tem muitas ideias boas e fazem bastante coisa, mas outros, a maioria... Mas a gente não pode ficar batendo cabeça lá no Senado, na Câmara, se a gente não tem o mínimo envolvimento no seu bairro, né? Então a gente fica reclamando lá, mas você não faz a sua parte aqui, então as pessoas adoram reclamar, que aqui parece sujo, que aqui parece violento, que aqui parece inseguro, mas ninguém desce pra plantar um pé de feijão, pra manejar uma coisa, então a gente fica igual bebê, nhêê e não faz porra nenhuma. A sociedade é muito imatura e não sabe conviver. Você imagina um condomínio desse, só com doutor e pós doutor, tudo professor da UnB, quando quebra um portão da garagem, nego não consegue conversar pra encontrar uma solução, aí fica olhando pra assentado rural e fica falando “ah, não sabe trabalhar”. Os caras não conseguem nem olhar pro vizinho e discutir uma coisa prática e fica reclamando dos outros. Pode ter doutorado, pode não ter ensino fundamental, o importante é saber olhar no olho, ter tolerância e conseguir construir as coisas de forma coletiva, acho que essa é a revolução e a agricultura urbana é um convite para as pessoas estarem juntas e ir conversando e criando um...

**Fonte: Próprio autor**

#### 4.7 A Relação entre Hortas Urbanas e Proteção Ambiental

A temática das hortas urbanas, os atores e as dinâmicas constituintes inevitavelmente trás aspectos a respeito da terra e o cuidado com a mesma. Num ambiente mais micro, isso acontece na prática nas atividades de manejo e cultivo das hortas. Entretanto, nesta sessão, se busca, também, qual a visão dos atores a respeito desta relação para além dessa microesfera.

**Tabela 7 – A Relação entre Hortas Urbanas e Proteção Ambiental**

Entrevistada 1
Eu acho essencial porque aqui mesmo a gente cuida de três nascentes e a horta fez com que essas nascentes não fossem destruídas né, pra construir casa. Então eu acho assim, que depende muito da região que essa horta vai ser implantada. De repente tem uma nascente, de repente é outra questão que tem na área, então eu acho bem importante essa questão da agricultura urbana não só pra alimentar, mas essa questão de educação, várias outras atividades.
Entrevistado 2
No nosso caso é muito boa né, nossa área é de nascente, muito próximo daqui, nós cuidamos dessa nascente. Fizemos a outorga dela, o uso da água, então nós cuidamos dela, todo ano fazemos plantios perto dela, ela nunca seca, nunca secou, graças a deus, então, pra nós aqui né, se junta muito bem com a questão da proteção ambiental essa área aqui era toda, por ser dentro da cidade era pra ter sido ocupada né e com a plantação da horta aqui não vai correr risco né.
Entrevistada 3
É isso que a gente acabou de falar, que eu adiantei da conexão né, de a gente realmente enxergar a horta urbana como o centro, literalmente onde a gente coloca a sementinha nas pessoas, que a gente espera germinar, brota e fala “ufa” então agora ela consegue caminhar com as próprias pernas e já entender qual que é o melhor caminho, que é o caminho da proteção ambiental mesmo.
Entrevistada 4
Eu acho que a ampliação desse pensamento de cuidado com a natureza, porque aqui, por exemplo, a gente trabalha não só a questão da horta, mas por que a horta, como manejar, o cuidado que se tem com as plantas, então eu acho que é assim, a horta urbana eu não acho que ela é a solução pra questão ambiental, mas é uma das vias que a gente tem pela questão da ampliação mesmo do pensamento da coletividade. Vamos supor esse pessoal que está aqui, quem veio a primeira vez vai chegar em casa e vai falar pra alguém e aí eu acho que esse telefone sem fio, essa rede de pessoas é uma boa via pra trabalhar a questão da proteção ambiental, porque a gente trabalha aqui dentro de um espaço e quando a gente consegue atingir um número x de pessoas a gente sabe que essas pessoas vão espalhar, então se você tem vários núcleos trabalhando a ideia da educação ambiental dentro de uma horta, automaticamente você coloca na cabeça das pessoas que é importante trabalhar com esse proteger mesmo.
Entrevistada 5
Eu acho que está mais aliado na questão de você não usar adubos químicos e você, por exemplo, cresce uma árvore, vegetação e eliminando gás carbônico.
Entrevistada 6
Eu vejo que as pessoas ficam mais sensibilizadas e passam a respeitar mais, inclusive, o ambiente em que vivem, então elas começam a ficar mais sensibilizadas, elas procuram pesquisar mais, então é como se ela estivesse procurando ajuda de como ajudar a si mesmo e de como ajudar ali, então tem aquela sensibilidade maior, então a partir do momento que você cuida é porque você gosta, você passa a despertar o gostar mais ainda, então você vai querer buscar mais, ajudar mais, melhorar mais.

Entrevistado 7
Eu acho que é mais ou menos nessa linha educativa. Eu sei que tem hortas que são maiores e que conseguem promover infiltração, mas aqui eu acho que as pessoas vem pra cá, ou conversam com a gente e elas vão entendendo a função das coisas. Especialmente na agroflorestal né você fala “ó, isso aqui serve assim, funciona assado” as pessoas vão entendendo a função das coisas e como que elas... qual a importância de você ter áreas verdes. Por exemplo, poda de árvore, tem muita gente que quer podar a árvore de qualquer jeito, não gosta de folha. Quando você da outro sentido pra folha, eu to aqui jogando folha pra fertilizar, pra proteger o solo e eu explico pra pessoa pra que é que serve a folha seca, ela enxerga a folha seca de uma outra forma né. Então ela olha pra pode de uma árvore de uma outra forma. Ela entende quais são os hormônios que estão envolvidos nos processo de ... dos galhos, então acho que tem um papel educativo.
Entrevistado 8
Acho que é isso, é bem nessa... É mais dos mecanismos que a gente está achando para combater as mudanças climáticas, dentre várias outras coisas, tipo compostagem ou é economia circular e economia colaborativa. Dentre isso, dentre vários projetos eu acho que entra a agricultura urbana. Traz benefícios para as cidades.
Entrevistado 9
Então é fundamental quando você pensa que ter um ambiente, principalmente, horta urbana, pensa num ambiente mais orgânico né, então a gente começa a olhar com diversidade e essa horta urbana que traz diversidade ela vai trazer insetos (?) e inseto que tem que comer folha, inseto e em geral não é, não é um inseto de esgoto, não é um escorpião, não é uma barata é um besouro que tá por aqui né, então a nossa expectativa não é que atraia praga, é que atraia fauna nativa, então se a gente pensar numa agroflorestal, a gente vai pensar num ambiente mais saudável mesmo, pros animais e pra gente né.
Entrevistado 10
Educação ambiental, horta por horta? É porque já há muito tempo o movimento da agricultura urbana vem lutando pra gente parar de chamar o movimento da agricultura urbana de horta urbana, porque horta é alface, isso aqui é agricultura, é floresta. Horta é uma forma de agricultura. Quando você fala “horta urbana”, você está falando de uma forma de agricultura na cidade. Aqui não é horta urbana, aqui é agrofloresta, é uma forma de agricultura. Agrofloresta urbana e outras formas de agricultura na cidade, que não a horta simplesmente e puramente tem um papel ecológico. Os vizinhos aqui ficam falando que tinha muito tempo que não viam vagalume, então eu tenho um vídeo na internet de eu mostrando caindo um temporal, descendo uma cachoeira aqui assim ó aí a água pega esses bolsões aí ó e desce pra dentro da agrofloresta, você da dois passos lá dentro e a água some, recuperação de manancial, solo poroso, árvore, floresta. Porque na cidade não tem floresta, tem pomar de fruta, uma fruta aqui, uma daqui 10 metros, uma daqui 10 metros uma daqui 10 metros. Isso não faz solo poroso. O que faz solo poroso é floresta, né então a gente tem que plantar floresta, fazer bolsão de contenção, plantar floresta dentro, várias tecnologias da permacultura e tal que a gente pode inserir na cidade que são formas de agricultura que respeitam e protegem o meio ambiente.

**Fonte: Próprio autor**

## **5 DO EMPIRISMO À TEORIA**

Os resultados mostram relações e dinâmicas, reais e concretas que acontecem atualmente, além de percepções e consciência de mundo extremamente presente, que desde um ponto de vista ambiental, conflui com o que John Dryzek define como discurso no prefácio: “uma maneira compartilhada de experienciar o mundo”. Tendo em mente que os atores dificilmente tem contato com a literatura que define esses discursos ambientalistas, discutir-se-ão dinâmicas, ideias e problemáticas encontradas nas falas dos entrevistados, encontrando respaldos paralelos com a literatura estudada, ou simplesmente ressaltando a relevância de alguns dos pontos levantados pelos entrevistados.

### **5.1 Ambiente Urbano, Consumo e Relações Sociais**

Grandes ambientes urbanos, principalmente em países “menos desenvolvidos” – segundo critérios da Era industrial – têm dificuldades latentes com despejo de lixo e esgoto, por exemplo. Fatos estes que, junto à deficiência educacional e descaso institucional das autoridades competentes, deixam regiões periféricas em grande situação de precariedade, situação esta que leva ao aumento e/ou permanência da violência, além de outros problemas consequentes de falhas estruturais sistêmicas manifestadas em grandes proporções, sobretudo nas periferias dos grandes centros.

Desde a perspectiva da agricultura urbana, já num primeiro momento, as hortas são uma alternativa de redução de danos pelo simples fato de poder ocupar um espaço sem utilidade. Soma-se a isso a visão e intenção de alguns dos entrevistados sobre o espaço trabalhado, os planos sobre esse a serem realizados e desenvolvidos, tem-se um modelo com muitas possibilidades para produção de bem-estar social independente, ou ao menos, autônoma em relação à esfera capitalista. Grande exemplo é o projeto de CSA (Comunidades que Sustentam Agricultura) desenvolvido na Horta comunitária Girassol, um modelo de produção familiar no qual o consumidor coopera diretamente com os produtores. Estes, por sua vez, comprometem-se em, semanalmente (na maioria das vezes), fornecer uma cesta com alimentos frescos, orgânicos e prontos para o consumo.

Essa dinâmica de ações conjuntas é uma prática que dispensa os intermediários do processo produtivo globalizado e aproxima o consumidor de quem produz o seu alimento, alimentando a consciência das dificuldades e dos desafios enfrentados pelos produtores. Além disso, tende a despertar conhecimentos e garantias a respeito de segurança alimentar e, por que não dizer, de educação ambiental, considerando a relação direta, os conhecimentos e os objetivos dos atores envolvidos nessa prática.

A pesquisa revelou uma percepção bem consciente dos atores em relação à ocupação de espaços. A fala da Entrevistada 1 a respeito da inserção da agricultura no meio urbano, revela aspectos encontrados no discurso biorregionalista, que vão no sentido de conhecer o espaço habitado e adotá-lo como seu lar, visto que o lar é um espaço a ser cuidado. Além deste, há também aspectos de ecologia social no que diz respeito a relações não hierárquicas, tendo em vista a inserção de uma “lógica do campo” em um espaço urbano comum em sua integração com a horta. Como o Entrevistado 9, comentando a mesma questão, percebe-se a horta urbana como uma “ferramenta de interação social (...) sem uma ferramenta do consumo”.

Nesse sentido, é interessante analisar a prática e a dinâmica das hortas urbanas à medida que, ao invés de consumo, é uma ferramenta de bem estar social, que acaba tendo uma funcionalidade produtiva, visto que proporciona, além de bem-estar, troca de conhecimentos, recuperação de áreas degradadas, saúde e integração social, contudo, salvo exceção da CSA, não produz capital, tendo na verdade a capacidade de poupá-lo, por meio da relação do indivíduo com o tempo e a atividade exercida que não exige consumo.

Além disso, os resultados evidentemente mostram uma aproximação aos processos naturais de produção alimentar. Mesmo que, não necessariamente, os indivíduos obtenham suficiência alimentar mediante a agricultura urbana, a interação com esse meio proporciona aprendizado e noção de processos naturais que, por mais comum que esse conhecimento possa parecer entre pessoas do campo, os resultados da pesquisa mostram que, para pessoas da cidade, nem sempre é tão comum assim e os entrevistados relatam situações de aprendizado nesse sentido<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Tabela 6.

Num contexto de crise, atitudes como essas têm, também, uma função homeostática. Tanto num sentido sócio cultural, pois traz todos os benefícios de convivência e relação com o espaço público citado pelos atores e, inclusive, porque não dizer, de maneira democrática; quanto num sentido ambiental: recuperando terrenos baldios, solos, nascentes, mananciais, fauna; podendo beneficiar até mesmo o próprio funcionamento prático da cidade, tendo em vista a capacidade de diminuir enchentes, por exemplo.

Realidade virtual, como comentado por Castells, a realidade da horta permite uma manifestação maior da subjetividade, visto que se tem a oportunidade de interagir com uma lógica diferente do status “quo” imposto e retratado na televisão. Uma atividade e sem negar quando fala da interação de praças com hortas em áreas abandonadas. Além deste discurso também.

## **5.2 Educação Ambiental e Consciência**

Entre os diferentes atores entrevistados, é compartilhada amplamente a ideia de educação ambiental, podendo ser indicada como resultado da interação com o ambiente e com as pessoas participantes dos projetos. Retratada inclusive na forma da lei 9795/1999:

“Entende-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade”,

é o que diz o Art 1º da lei em questão.

Os diferentes níveis em que as noções de mundo podem atingir em decorrência desse processo não podem ser contabilizados. Todos os discursos ambientalistas retratados por Dryzek poderiam ser discutidos dentro da esfera da educação ambiental. A natureza da atividade nas hortas urbanas, entretanto, proporciona o ambiente, o laboratório e a base para discussões, reflexões, aprendizado e práticas ligadas à conservação ambiental, sustentabilidade, bem-estar social e outros aspectos ligados a estas questões<sup>2</sup>.

É um espaço, sobretudo, de troca de experiências que tem o potencial de expandir a consciência e incentiva a pensar de formas diferentes, de forma mais humanizada<sup>3</sup>, onde o trabalho é feito em união em prol de um benefício individual e comum<sup>4</sup>. Os levantes ao redor do mundo a respeito da causa ambiental em tempos recentes, com a liderança de greta Thunberg e outros jovens, evidencia a percepção já adquirida por muitas pessoas a respeito de demandas do mundo de mudança estrutural do sistema político e econômico – como defendem muitas dos discursos apresentados por Dryzek – com reais resultados sociais e ambientais; as experiências captadas são um exemplo em prática que mesmo apresentando lideranças, podem ser consideradas horizontais na prática em si e também no sentido de que busca uma sociedade mais justa.

### **5.3 Construção e Efeito Brasília**

“Sopram ventos malignos no planeta azul. Nossas vidas titubeiam no turbilhão de múltiplas crises. Uma crise econômica que se prolonga em precariedade de trabalho e em salários de pobreza.” (2018, CASTELLS, P.7). As características da riqueza do Brasil são únicas. Traduzidas em riquezas naturais, culturais, territoriais e, apesar da desigualdade, sociais, as riquezas do Brasil não tem seu valor convertido democraticamente. Ao invés disso, as riquezas naturais são roubadas, as culturais apagadas, o território rico é tomado, a sociedade se divide e a desigualdade aumenta. Essa perspectiva elucida a direção para a qual mudanças estruturais são necessárias tendo em vista a construção<sup>5</sup>. Ainda de acordo com Castells,

---

2 Tabela 5, entrevistado 7.

3 Tabela 5, entrevistada 6

4 Tabela 5, entrevistada 4

5 Tabela 6, entrevistado 7

A nova legitimidade funciona por oposição. E se constrói em torno de um discurso que projeta uma rejeição geral pelo estado de coisas, prometendo uma salvação por meio da ruptura com essa ordem incrustada nas instituições e com essa cultura das elites cosmopolitas, suspeitas de dismantelar as últimas defesas da tribo ante a invasão do desconhecido (2018, CASTELLS, p.38).

Como capital política do Brasil, Brasília é um lugar privilegiado pela posição ocupada e pelo destaque que a finalidade da cidade carrega. O desenvolvimento de qualquer projeto coletivo nesta cidade é, pelo simples motivo de existir, um projeto com proeminência política, mesmo que possa apresentar diferentes graus de exposição deste aspecto. Buscando um ponto em que as falhas estruturais e a lógica da agroecologia poderiam se encaixar de forma a reconstruir pilares, tem-se que: a lógica agroflorestal é de sintonia e cooperação das espécies que resultam em abundância; enquanto que a lógica da cidade é a lógica que apoia e gira em torno de um sistema produtivo em torno do consumo e da indústria – levando em conta o tema da pesquisa, cabe ressaltar o peso da indústria alimentícia e de transgênicos – e que se baseia na escassez dos recursos e busca o lucro, usufruído apenas por uma elite minoritária.

Esse é o ponto de inflexão que se chegou mediante a pesquisa em questão, tendo em vista seu propósito. Entretanto, ressalta-se que a cidade de Brasília é uma cidade criada e planejada com um propósito político e que tem papel central no desenrolar dos fatos e decisões. Tendo em vista todo o universo que os pontos e problemáticas apresentados na pesquisa envolvem: cenários de crise generalizada, riquezas diversas, altos índices de desigualdade, questões ambientais, bem-estar social e etc.; percebe-se o tamanho do desafio a ser vencido.

Nesse panorama, a agricultura urbana é uma ferramenta que pode contribuir para reflexões filosóficas e questões práticas no contexto local e atual frente um desafio. O desenvolvimento de essas atividades estar acontecendo tanto no centro, quanto nas cidades satélites é outro indicativo de uma consciência compartilhada entre pessoas que ocupam diferentes espaços de um mesmo lugar onde as pessoas se dividem em classes sociais. No entanto, pelas características das atividades pesquisadas e do local em que estão se desenvolvendo percebe-se também a força de grupo, cujos interesses em comum têm grande valor dentro das discussões políticas e práticas coletivas.

## 5.4 Subjetividade

Os resultados mostraram também os espaços de desenvolvimento da agricultura urbana como sendo um espaço de manifestação da subjetividade. Pessoas em diferentes áreas de atuação profissional tem espaço de atuação, experimentação e até divulgação<sup>6</sup> do seu trabalho nesses ambientes. Além disso, o fato de ser um espaço público e aberto proporciona essa manifestação de forma compartilhada.

Quando Castells comenta sobre a digitalização da informação e da comunicação por essas vias, fala também de um universo midiático em que o indivíduo imerge e em como as trocas sensoriais com esse universo é um fator desanimador da esperança (2018, Castells, p.26). A realidade das hortas permite uma manifestação maior da subjetividade, pensando que se desenvolve uma atividade ao ar livre, permite uma comunicação completa e em um ambiente em que é possível observar e interagir com ciclos da natureza tendo a oportunidade de participar de uma atividade com essa lógica de abundância, acompanhando os processos dos ciclos envolvidos, estando num ambiente público e, sobretudo, relacional.

---

<sup>6</sup> Tabela 2

## 6 CONCLUSÕES

As discussões democráticas levantaram discursos de escolas tradicionais dentro da ciência política. Desde os discursos mais primordiais até os mais atuais, foi possível identificar padrões aplicáveis em diferentes escalas, disputa por espaços, pela reafirmação de grupos em particular. O cume é a globalização e as discussões mais atuais a seu respeito giram em torno da forma de organização das sociedades atuais em meio a esse contexto. Mesmo os discursos mais recentes teorizam sobre fatos, acontecimentos em curso e, os discursos tradicionais, seguem linhas a linha das sociedades industriais, desde um ponto de vista desenvolvimentista visando um bem-estar material de forma a “suprir” as necessidades humanas.

Os discursos ambientalistas trouxeram perspectivas a respeito de diversas questões e diversos problemas trabalhados nos discursos democráticos, contudo, desde outra ótica, a ótica ambiental. Assim como as discussões democráticas, os discursos ambientalistas também apresentam um espectro no qual é possível posicionar cada discurso de acordo com suas características. Ainda nesse contexto, é interessante avaliar que cada discurso pode servir para analisar, contornar e/ou resolver um tipo de problema ou conflito diferente.

As entrevistas conseguiram captar diversas percepções e vivências dos atores, relativas á potenciais da agricultura urbana existentes. Os potenciais vão desde um nível individual e pessoal, trazendo um retorno de bem estar, inclusive terapêutico, até um nível coletivo, levando em conta cidadania, segurança alimentar, educação ambiental, ocupação e dinamização de espaços públicos, saúde e convivência.

Constatou-se que a agricultura urbana tem a virtude de aproximar o ser humano a problemas reais ao seu redor. Desde um “microambiente”, o que se trabalha, até o ambiente como um todo, consequência da observação dos processos envolvidos. Desde o semear, até o cultivo, a florescência e posteriormente a colheita dos frutos. A coletividade presente nos projetos analisados permite a cada individuo exercer um papel na dinâmica proposta. Além disso, permite a ampliação de horizontes, tendo espaço para o exercício da criatividade, atividade manual, discussão, iniciativa, aprendizado e compartilhamento.

Nessa linha, observou-se que contato com a natureza evoca sensações e experiências distintas do dia-a-dia usual da cidade, aflorando uma percepção de mundo apagada pelo bombardeio de mensagens incompletas e que servem a um propósito que não conflui com o

cuidado ao ambiente, mas que serve ao consumo desenfreado e uma economia autodestrutiva. A agricultura urbana tem, portanto, o potencial de ressignificar a visão e relação com o ambiente, com o trabalho e, inclusive, as próprias relações políticas, relações de troca e assim, também, a economia.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CASTELLS, Manuel (2018) **Ruptura: a crise da democracia liberal**, Rio de Janeiro: Zahar.

CUNNINGHAM, Frank (2009) **Teorias da Democracia: uma introdução crítica**, Porto Alegre: Artmed.

DRYZEK, John S. (2005) **The Politics of The Earth: Environmental Discourses**, New York: Oxford University Press.

LEVITSKY, Steven & ZIBLATT, Daniel (2018) **Como as Democracias Morrem**, Rio de Janeiro: Zahar Iain

McLEAN, Iain. (1996) **The Concise Oxford Dictionary of Politics**, New York: Oxford University Press